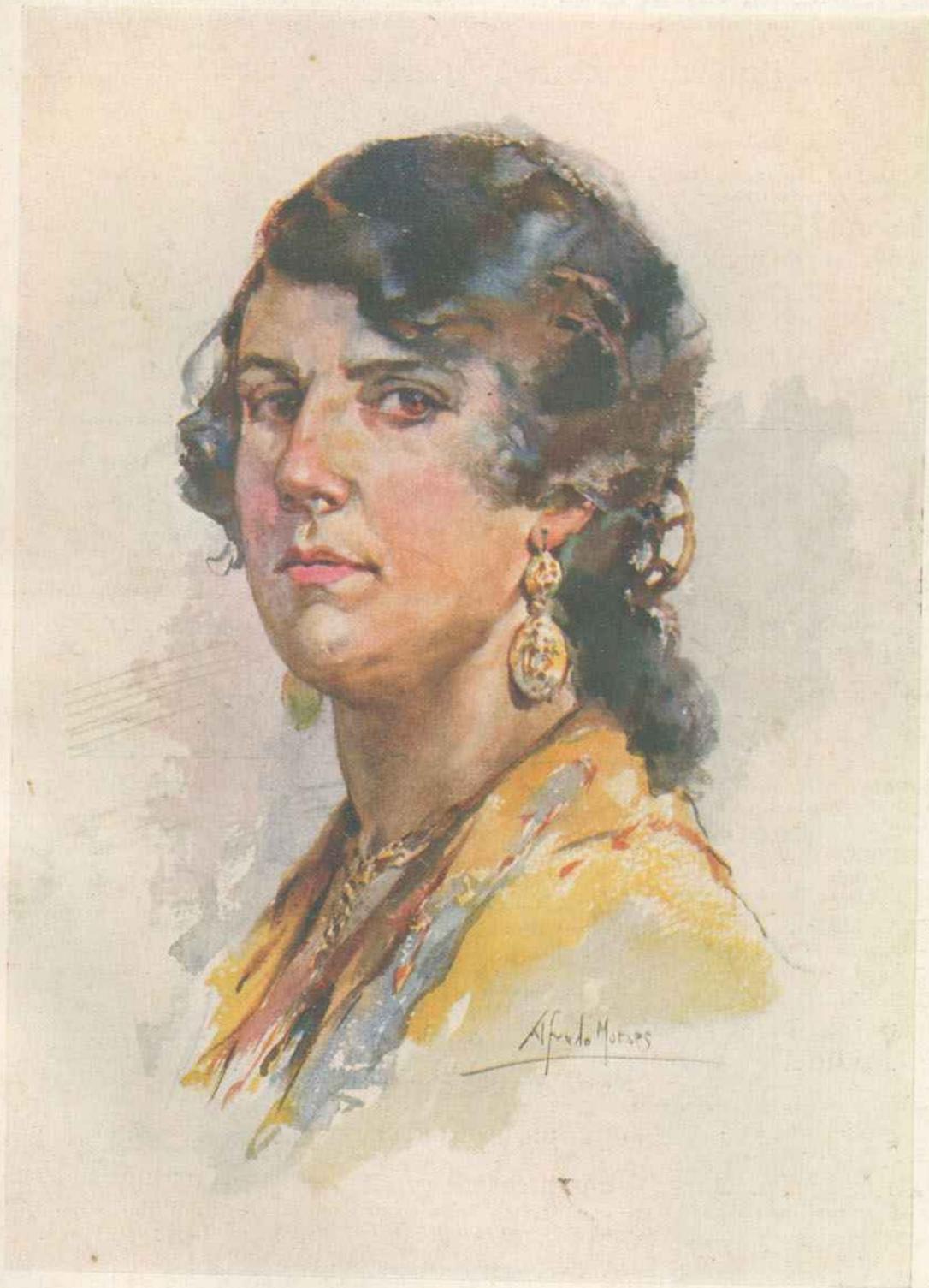


ILUSTRAÇÃO



CIGANA

(AGUARELA DE ALFREDO MORAIS)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI- NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUEZA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUEZA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

IMPORTANTE:— A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUEZA, ILUSTRADA, só será vendida em volumes.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CONCELHOS ÚTEIS

TEMPERA DO FERRO

Para dar ao ferro a dureza do aço, faz-se aquecer ao rubro, esfregando-o a seguir com prussiato de potassa ou com sal amoníaco, sendo preferível o primeiro, levando-o outra vez ao fogo, onde se faz aquecer novamente ao rubro. Mergulha-se depois num banho de água fria, preparado com uma ligeira dissolução de alumen.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e Impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular... (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultram. Português... (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colonias... (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil... (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países... (Registada).....	—	63\$00	126\$00
		67\$50	135\$00
		66\$00	132\$00
		75\$00	150\$00
		75\$00	150\$00
		84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente à **Academia Scientifica de Beleza**— Av. da Liberdade, 35— LISBOA

Grande successo literário

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedrosa* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a cores, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.^o. — Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Accitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Soeur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Ruchmanoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch 10\$00

Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORE/

IMPRESSORES/



TELEFONE
21368

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS
A 2.^A EDIÇÃO
DO
TOLEDO
IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00



PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR ALEXANDRE HERCULANO

8 volumes 1.189 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 42\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



BRINDE MAIS PRÁTICO PARA TODA A FAMÍLIA

OS NOVOS MODELOS

COM NOVAS LÂMPADAS **ARCTURUS VIDRO AZUL** CONTROL DE VOLUME AUTOMÁTICO, SINTONIA SILENCIOSA MAIORES TRANSFORMADORES DE ALIMENTAÇÃO PROPORCIONANDO UMA VOLTAGEM AINDA MAIS REGULAR E MAIOR DENSIDADE, COM UMA QUALIDADE DE SOM E UMA TONALIDADE ABSOLUTAMENTE PERFEITA



NÃO HA NADA QUE DISTRAIA TANTO AS PESSOAS DE IDADE E LÍNGUA PASSAR MOMENTOS AGRADÁVEIS COMO ESCUTAR, COMODAMENTE INSTALADOS NAS SUAS PRÓPRIAS CASAS, OS MAIS VARIADOS PROGRAMAS DE RÁDIO, DESDE O DISCURSO POLÍTICO ATÉ A MÚSICA CLÁSSICA

OS JOVENS APROVEITAM O RÁDIO PARA DANÇAR E HESITAM EM AGRADEVER REUNIÕES, ASSIM COMO PARA CONHECER OS RESULTADOS DOS DESAFIOS DE FOOTBALL, CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS, APRENDER AS ÚLTIMAS CANÇÕES EM VOZGA E EXPOR MASCOTE E MASCARAS DE ESTADOS ESTRANGEIRAS

E NÃO DICAMOS NADA, DOS MENINOS QUE PASSAM HORAS INTEIRAS OUVINDO AS ANEDÓTAS E OS CONTOS COM QUE AS ESTACIÕES E MENSAGENS AMENISAM OS SEUS PROGRAMAS, E A BOA MÚSICA QUE LHE SI DUCA O OUVIDO PARA AMANHÃ

ATWATER KENT RADIO

DISTRIBUIDORES PARA **NACIONAL RADIO L^{DA}** R. DA BETESGA 57 1º TEL. 26251 LISBOA
 DISTRIBUIDORES PARA NORTE **ELECTRONIA L^{DA}** PRAÇA DA BATALHA 119 TEL. 5800 PORTO
 DISTRIBUIDOR GERAL **RAZA 410 - VILA NOVA DE GAIA**

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**

encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Acaba de sair

NOVA EDIÇÃO do curso de francês para o 1.º e 2.º anos dos liceus

LE PETIT ÉLÈVE DE FRANÇAIS

1 volume cartonado . . . 8\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. **25\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Crónica da Quinzena

O ano novo é uma criança no berço, de olhar infinito, destino misterioso. Sob a côr rósea, o chilreio inocente, que santidade ou crueldade, que heroísmos ou crimes se escondem?

Contemplando o pedacinho de carne em flôr pode ocorrer uma dúvida angustiosa: "Estará aqui uma criação divina, merecedora de altar, ou invento diabólico que melhor fôra deitar aos cães?"

Ninguém sabe se o menino será Márcio Aurélio, ou Calígula. Em tal momento a face, ainda informe, inexpressiva, não diz nada. As taras paternas encobrem-se na moleza dos tecidos tenros. E, apesar do mandamento severo da hereditariedade, há sempre a esperança de que o filho não reproduzirá o defeito dos progenitores.

Tem-se visto santos saírem de monstros. Nem todos os ladrões geram assassinos. A's vezes o louco gera o homem de gênio, luz do mundo e sol da terra.

Aqui temos o critério utilisavel ao que-remos fazer o juizo do ano novo.

O pai se não foi de deitar aos porcos, também não merecia que o servissem de pasto aos anjos. Não deixa saúdaes. Seria melhor não ter cá vindo. Aflições, misérias, ameaças de cataclismos, aspergiram a humanidade durante a sua vigência. Pois, ao medi-lo e julgá-lo, façamos votos por que o filho não seja pior que o pai.

Em 1933, a tantos de Março, faz 19 séculos que mataram Cristo.

Esperemos que caso igual não venha a suceder no fecho de tão temível centenário.

A Inglaterra pagou, a França não pagou dentro do prazo. Mais não foi preciso aos doutores da ética oitocentista para se desbarretarem diante da City e olharem por cima do hombro o Quai d'Orsay. Os ingleses honraram a firma, os franceses não; êste facto será o início do fim do mundo. Assim o sustentam os homens de princípios, ou lugares comuns que nutriram a retórica do século findo.

Ora notemos que no citado acontecimento não se trata de filosofia, pois sómente se cura de realidades por uns reconhecidas, por outros ignoradas.

A doutrina do "deve-paga", da fé dos contratos, de similares dísticos financei-

ros, é muito aceitavel quando não conduza a exigência de enfiar o calibre no fundo da agulha. Sempre que êsses bons preceitos batam contra o impossivel, o absurdo, quem manda é o impossivel não os preceitos.

Ora êsse momento parece chegado.

A América pretende que a Europa se suicide para satisfazer-lhe um capricho de rapariga mal aconselhada. Sem atender às consequências, nem a motivos imperiosos, quer que meia duzia de povos, somando duzentos milhões de sofredores, despejem tôdo o sangue das veias, para lhe darem o prazer satânico de as ver exaustas e estendidas ao comprido.

A Inglaterra com gesto que tanto tem de heróico como de inconsciênte, abriu os pulsos, deixou correr, entregou, ficando côr de cal, talvez persuadida de que mais vale morte que vergonha.

A França que de 1918 para cá revela um tino, e consciência do valor dos fenómenos políticos, por outra não igualado, meditou, mediu e ficou com a mão no bolso, aguardando melhor aviso. Pelo menos cogitou que o morrer não quer pressa.

A razão deve estar do seu lado, se mais não fôr, nem de pronto se descobrir outro fundamento, pelo já apontado, do seu constante bom senso e acerto em tôdas as dificuldades surgidas desde o fim da guerra.

A América acha-se de juizo transtornado por maus conselhos de uma marafona, chamada a Imprensa Hearst, a quem cabe a culpa das maldades passadas e presentes daquele país contra a infeliz Europa.

Êsse grande instrumento corruptor da opinião pública incitou os ingénuos agricultores da Califórnia, como os industriais de Chicago a serem que as desditas dos puros cidadãos americanos provinham dos europeus pecadores, a quem se devia castigar por tôdos os meios.

Quem poderia lutar com um espírito assim formado?

A intransigência, cheia de crueldade do crédor nasce desta fonte.

Para engordar a mentira pode a inteligência europeia consentir no sacrificio monstruoso que se lhe exige?

A França, pondo as realidades acima de princípios, dêste modo redusidos á

altura de preconceitos, parece que responde, não.

Se mantiver, a atitude até final há-de ter muito quem respeite o seu procedimento.

Também as aguias, como as andorinhas, aborrecem certos ventos que as forçam a emigrar. Uma rajada violenta, há pouco desencadeada além Atlântico, obrigou as brasileiras a levantar vôo. Pousaram em Portugal por ser a terra mais próxima em que puderam descançar depois da travessia. Ora aconteceu, que dêste lado ao verem-nas, as saudaram e acolheram como se fôssem no lugar nadas e criadas.

E elas, poucos momentos volvidos, notavam a semelhança do ser e parecer, entre o que deixaram e o que encontraram. Gente brasileira, gente portuguesa reconheceram-na a mesma gente, acolhedora, afável, alegrando-se e maguando-se dentro do mesmo ritmo. Por isso entenderam que os portugueses, penalizados com o motivo determinante da jornada, se regosijavam pela dita de abraçarem os que sem aquela desventura seria impossivel reunir sob o céu que os cobre.

Uma boa fortuna trazida por uma desgraça, sucede muitas vezes.

Não fôra a violenta rajada, nunca nos seria dado receber a gente escolhida do Brasil, em quantidade que permite dizer, todo o Brasil. Presidentes da República, ministros, professores, directores de jornais, escritores, o mais excelente, quanto se queira de melhor. Drs. Artur Bernardes, Júlio Prestes, Klinger, Waldemar Ferreira, P. Vilaboim, Fonseca Telles, Moraes Barros, Sampaio Vidar, Cunha Junqueira, Simões Filho, Júlio e Francisco Mesquita, Paulo Duarte, Aureliano Leite, Guilherme de Almeida, Pedro Toledo, Tirso Martins, Altino Arantes, Firmo Dutra, Alvaro de Carvalho, Austragesilo de Ataíde, Osvaldo Chateaubriand, Dr. Leite Pentead, Hilário Freire, constituem o pequeno apanhado de uma rica provisã. O espaço não consente mais por hoje. Para saborear, daremos por partes o manjar abundante. Poetas, jornalistas, médicos, advogados, generais, aqui os mostraremos todos, aceitando que por isso comparem esta página a montra de joalheiro.

Samuel Maia.

ENTRE OS muitos brasileiros que as vicissitudes políticas trouxeram ao nosso país, conta-se Guilherme de Almeida, poeta distinto e uma das figuras de maior relêvo na literatura brasileira.

O seu nome ilustre figura na primeira linha do grande movimento renovador da literatura brasileira que há dez anos se iniciou e que conta já hoje tantas afirmações vitoriosas. Guilherme de Almeida é um artista moderno, no sentido mais vasto desta palavra — um inovador, para empregar um termo que deve ser do seu agrado e que surge, com frequência, na sua conversa quando nos fala de outros artistas. Poeta consagrado pelo público e pela crítica, membro eminente da Academia Brasileira de Letras, a sua arte e a sua mentalidade não sofreram a influência nefasta que a celebridade tem, por vezes. É ainda hoje o mesmo poeta que há dez anos lançava no Brasil o grande movimento em favor da Arte Moderna, inquieto, desprezando academismos, alheio às consagrações. Prova-o a evolução da sua obra, que nada veio ainda interromper.

Ouvi-lo, constituía para nós um dever. E foi assim que o viemos a procurar na intimidade da casa em que o exílio o obrigou a fixar residência.

A conversa inicia-se ao sabor do acaso, sem o aspecto formal das entrevistas. Pedimos a Guilherme de Almeida que nos conte as suas impressões do nosso país, que ele visita pela primeira vez. E ouvimo-lo repetir, com um impressionante acento de sinceridade, tudo o que declarou já aos jornais e que é também a essência do discurso por ele pronunciado na sessão em que a nossa Academia das Ciências o homenageou. Vai-nos contando pequenos incidentes em que o espírito hospitaleiro do nosso povo se lhe manifestou com exuberância. E em certa altura afirmamos com entusiasmo:

— Ainda há dias, falando com Júlio de Mesquita, Filho, director do "Estado de S. Paulo", que como eu se encontra exilado em Lisboa, eu lhe afirmei com o pleno assentimento dêle: «Temos uma grande dívida a cumprir no dia em que regressarmos ao Brasil — fazer propaganda de Portugal, das suas admiráveis virtudes».

Entramos agora, propriamente, no assunto desta entrevista. E fazemos avançar a primeira pergunta, a pergunta que se leva engatilhada para abrir o fôgo das interrogações:

— Qual é a sua opinião sobre o movimento literário do Brasil?

— Existe no meu país — responde-nos

A POESIA E A ARTE MODERNA

segundo o grande poeta brasileiro

GUILHERME DE ALMEIDA

Guilherme de Almeida — um forte movimento de renovação artística. Esse movimento teve o seu início, em S. Paulo, em 1922. O seus iniciadores foram Graça Aranha, Ronaldo Carvalho, outros e eu. Organizámos então uma "Semana de Arte



Guilherme de Almeida

Moderna», que provocou sensação, quasi escândalo... Realizou-se uma exposição de Artes Plásticas no salão do Teatro Municipal, onde houve, além disso, espectáculos de recitativo e música...

— O acolhimento do público...?

— Provocámos sensação, como lhe disse, mas fomos por vezes apupados. Depois disso, porém, a disposição do público para com os artistas modernos, mudou muito. E alguns dos artistas que nessa época "irritáram", são hoje admirados sem reservas.

— Produziram-se então muitas revelações?...?

— Muitas. Vila Lobos, por exemplo, que surgiu nessa época cheio de audácias incompreendidas, é hoje um maestro consagrado e muito apreciado em todo o

Mundo. Na escultura revelou-se Victor Brecheret e na literatura

Mário de Andrade, Manuel Bandeira, e tantos outros... E depois de uma pausa curta:

— Mas não ficou por aqui a actividade do nosso núcleo, cheio de fé nos destinos da Arte Moderna. Lutá-

mos em todos os sentidos para vencer a hostilidade e a apatia que se nos opunha. Criámos, por exemplo, uma revista com o título de *Klaxon* que teve uma vida efémera de dez meses. E a propósito, foi-me grato vir agora encontrar, no seu país, uma revista, *Presença*, que oferece muitas analogias com essa.

— S. Paulo tem sido então ambiente desfavorável a essa renovação artística?

— De modo nenhum. Houve de começo a resistência natural do meio. Mas S. Paulo foi sempre considerada a capital artística do Brasil e soube adaptar-se à Arte da sua época. Em arquitectura, por exemplo, o seu progresso é notável. Existem ruas quasi inteiras de construções obedecendo aos melhores princípios da arquitectura moderna. Gregorio Warchavichik, um artista de extraordinários méritos que "escandalizou", em 1922 e é hoje lente de arquitectura na Academia de Belas Artes, do Rio, é o principal realizador dessa vasta obra.

— Quais foram as principais conseqüências desse movimento de renovação na literatura?

— O principal foi, sem dúvida, despertar o sentimento nativista que ainda não se revelára. Em 1925, percorri quasi todo o litoral do Brasil, pregando "brasilidade", chamando os novos ao culto do sentimento nativista. Foi esse um ano de grande actividade para mim. Publiquei quatro livros e entre eles um poema "Raça" em que procurei cantar a fusão dos três elementos — o português, o índio e o negro — donde saiu a raça brasileira. É essa, creio, a primeira obra publicada no Brasil de sentimento caracterizadamente nativista.

E Guilherme de Almeida lê-nos algumas passagens desse poema, cujos versos adquirem na sua voz surpreendentes sonoridades.

— Esse movimento irradiou depois pelo Brasil? — prosseguimos.

— Encontrou repercussão em quasi todo o país. Em Rio Grande do Sul surgiu um grande poeta, Augusto Meyer. Em Minas, Carlos Drummond e em Pernambuco, Manuel Bandeira.

Há uma pausa para se acenderem dois cigarros brasileiros. E ocorre-nos perguntar:

— Acredita no futuro da poesia como manifestação artística? Não a julga uma fórmula de Arte caduca, incapaz de en-

contrar uma nova feição em face da vida moderna?

Guilherme de Almeida olha-nos, durante um momento, com espanto, como se olha um sacrilego. E depois, pondo nas suas palavras uma energia desusada:

— De modo nenhum. A poesia é a expressão mais pura da Arte, a única que prescinde de instrumento. Ao passo que o músico, o pintor ou escultor recorre ao instrumento para se exprimir, o poeta serve-se apenas do seu pensamento. É a a mais animica de todas as artes e não pode, portanto, envelhecer.

— Crê então que ela tem ainda o seu lugar entre a civilização mais intensa, no centro das grandes cidades, a par da máquina...

— E porque não? Ela pode mesmo tirar da máquina novos motivos de inspiração. Há na sua dúvida um preconceito a destruir. A utilidade não é inestética. Pode existir tanta beleza num avião como numa galéra grega. Com a diferença de que nesta última a projecção do tempo tirou-lhe o carácter utilitário. Vêmo-la como obra de arte sem nos lembrarmos que foi um meio de transporte ou uma arma de guerra.

— Sendo assim, que aspecto revestirá, no futuro, a poesia?

— Vivemos numa época de incertezas em que as previsões são difíceis. Por mim, creio que enveredará para o espiritualismo. A humanidade vive de contrastes. Após a Revolução Francesa e o Império, surgiu o romantismo, em oposição total com esse período da História. Estou convencido de que o excesso de materialismo da nossa época provocará, no futuro, uma profunda corrente espiritualista para a Arte pura.

— E quanto à forma. Julga que se transformará ou deve permanecer imutável?

— Estou certo de que outros ritmos surgirão, além dos que hoje conhecemos. Por minha parte, quando introduzi novos ritmos nos meus versos, procurei manter a harmonia da forma, mudando a rima. Criei, o que eu chamo a simil-rima e que vai mais além do que a rima atoante.

— Muitos poetas modernistas abandonaram a rima, que consideravam uma convenção prejudicial à clareza da idéia, à sua livre exposição. Concorda com essas opiniões?

— Não. A rima é a única corda que acrescentámos à lira dos gregos e julgo absurdo despreza-la. Penso, ao contrário, que ela acrescenta a idéia, que aumenta o seu poder sugestivo. Nos vinte e um livros que publiquei não há um único verso branco.

— Sabemos que é um homem de acção e um político — prosseguimos nós. — Crê no valor da poesia social, da poesia de combate?

— Creio. Mas nunca pratiquei esse género.

— Os acontecimentos em que tomou parte...

— Estou tentando fazer a "gesta", dêse período agitado: cantar os pequenos episódios que de outro modo se perderiam. É tudo o que lhe posso dizer sobre o assunto.

A conversa segue agora novo rumo.

Fala-se da literatura portuguesa. E ante a justa admiração que manifestamos pelos seus vastos conhecimentos da nossa língua e da nossa literatura, Guilherme de Almeida, explica-nos:

— Meu pai, o dr. Estevão de Almeida, foi um dos maiores cultores da língua portuguesa no Brasil. A sua biblioteca de clássicos portugueses era uma das mais vastas no meu país. Estudei sob as suas vistas e julgo conhecer bem a literatura portuguesa. Foi ainda êle que me obrigou a lêr e a anotar tôda a obra de Camilo.

— Qual é o escritor que mais admira? — Eça de Queiroz. Deu uma elasticidade nova à nossa língua. Foi um grande inovador.

— E dos nossos poetas contemporâneos, quais são os que prefere?

— Admiro Júlio Dantas, apesar de entre



Auto-caricatura de Guilherme de Almeida

mim e êle não haver analogias. Também tenho apreciado muito, o pouco que conheço de Teixeira de Pascoais. E posso ainda citar-lhe Eugénio de Castro e Augusto Gil, entre os que, de momento, me recordam.

— São valores reais dentro da nossa literatura. Mas queríamos também ouvi-lo sobre os modernos, sobre os que tentam renovar a poesia portuguesa.

— Entre êsses quero destacar António Bôtto. Acabo de ler um livro seu que me interessou profundamente.

— Falemos de jornalistas. Que nomes da Imprensa portuguesa aprecia mais?

— Devo confessar-lhe que conheço pouco, o que me impede de fazer um juízo seguro. Em tôdo o caso, posso citar-lhe Agostinho de Campos, um excelente prosador e António Ferro, um escritor de raras faculdades. Conheci êste último em S. Paulo e fui eu que o apresentei ao público na conferência que realizou no Teatro Municipal sob o título «A idade do jazz-band».

— Concorda com a discutida maneira de António Ferro?

— Admiro muito a sua fórmula colorida,

sugestiva. Não o julgo um futurista, vagamente ligado às idéas de Marinetti, como no Brasil se pretendeu, mas sim um escritor moderno de raras faculdades.

— Falou-nos, no começo da nossa entrevista, nos progressos da Arte moderna no Brasil. Não lhe parece que nesse ponto, Portugal oferece um triste contraste com o seu país?

— Em Portugal, criar uma Arte Moderna é difícil. Existe um pedestal grandioso, de bronze e granito, sobre o qual não se pode erguer uma estátua de barro. No Brasil, construímos sobre a terra, a terra virgem de tradições que se nos oferecia. Era mais fácil. Para os artistas portugueses o fardo é esmagador. Ah! tem, por exemplo, António Bôtto, um inovador cheio de audácia, caindo a todo o momento na musicalidade do vilancete, no ritmo da redondilha...

A conversa vem a cair na questão do intercâmbio cultural luso-brasileiro. Falamos de João de Barros, o grande paladino dessa aproximação e do seu enorme esforço patriótico em favor do intercâmbio. E Guilherme de Almeida diz-nos:

— O intercâmbio é deficiente e daí resulta ser o Brasil pouco conhecido em Portugal. Poderia remediar-se, em parte, êsse facto pela criação, em Lisboa, dum Gabinete de Leitura, à semelhança do Gabinete Português do Rio, que tão bons resultados tem produzido. Comercialmente, tem havido o grave obstáculo da moeda que torna aqui excessivo o preço do livro brasileiro. Neste sentido, porém, creio ter-se dado um grande passo com a iniciativa da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, de fazer edições baratas das suas obras, que poderão ser aqui vendidas a um preço aborçável.

— Quais são os escritores portugueses mais conhecidos no seu país? inquirimos.

— Júlio Dantas. Virgínia Vitorino é também muito apreciada. O seu livro «Namorados» obteve um êxito notável no Brasil.

— Tem alguns trabalhos em preparação?

— Vou publicar em livro uma série de crónicas que escrevi para o «Estado de S. Paulo». Terá o título de «Crónicas de Guy — Prefácio de Guilherme de Almeida». Tenho em preparação uma outra obra que será, julgo eu, a obra mais reussie da minha vida. Chamo-lhe «O Cantar dos Cantares», e nela procuro descrever a evolução da nossa língua até à forma que hoje tem no Brasil. As poesias que a formam começam pelo género das «Relíquias apócrifas», seguem com um «cantar galego», depois com uma serranilha no género das do clérigo Ayras Nunez. Em seguida vem «a cantiga de El-rei D. Deniz», uma «invenção afeitada de Gil Vicente», um vilancete, uma estância, um soneto, até à carta do colono para a Metropole, inspirada na de Pero Vaz de Caminha. Daí em diante começam a intervir na língua os elementos indígenas e negros, como a lenda Tupy. Continua com uma poesia satírica no género de Gregório de Matos Guerra, depois com uma modinha bra-

(Lêr continuação na pág. 34)

IDADE de amar... dizem aí. Dístico falso, um dístico que não diz nada, palavras ditas no ar.

Não há idade para amar. Ama-se sempre, enquanto há um sôpro de vida.

O género humano só tem tempo marcado para a primeira função animal — mamar.

Para isso, sim, que há princípio e fim também.

Do nascimento aos doze meses, ricos e pobres, nobres e plebeus, todos sugam a teta materna ou mercenária ou chupam na borracha insensível de um "biberon".

Mas para amar alguém todas as idades servem. Mesmo quando o corpo fraqueja e não pode já dar boa conta de si na 2.ª parte da ordem divina "Crescei e multiplicai-vos", o coração continua reclamando o seu direito ao amor e, muitas vezes e em muita gente, é só quando as forças materiais fraquejam que o coração reclama êsse direito.

Não há só uma espécie de amor — o amor físico, que infelizmente é aquele em que a maioria pensa, teimando em circunscrever a sua compreensão dêsse afecto, nos limites estreitos da vibração carnal.

É esta mesquinha assimilação do sentimento que mostra vergonhosamente a inferioridade de certas criaturas, que apenas sabem amar-se à superfície, naquele contacto de epidermes, com que Stendhal estigmatizou a posse amorosa.

Assim, também amam os irracionais.

Nós devemos vêr, no amor, alguma coisa de mais profundo, de mais sentido, de mais santo, do que o breve sacrifício da sensibilidade nervosa, ao desejo caprichoso e fútil de dois sexos.

É tempo de repararmos, com mais atenção na aljava de Cupido.

Ele traz duas espécies de setas de efeitos diversos diferentes segundo a idade das vítimas escolhidas, para alvo do seu jôgo, mas as duas saem da mesma forja.

O aço é que não é em ambas de tempera igual.

Para os jovens combatentes que entram no campo da batalha, com o sangue na guelra e estuantes de entusiasmo, Cupido dispõe de setas eivadas do veneno da volúpia que inflama os sentidos e os arrasta aos enlaces doidos, cegos para tudo que não seja a vitória da carne.

Depois, quando os anos pezam, carregados da fadiga dessas horas de desvario, Cupido já não atira as suas setas incendiárias.

Tem as outras que não trazem, a embota-las nenhum preparado específico das grandes transmissões sensoriais.

Essas atravessam o nosso envolvimento,



As duas setas de Cupido

indiferentes, e vão cravar-se muito mais fundo, no intimo do nosso ser afectivo, e abrem-nos no peito uma ferida rosada como a aurora de um lindo dia; uma ferida que não dóe, porque por ela escorre o baçamo da ternura, que suavisa dôres passadas e faz encarar o futuro, com mais confiança e mais coragem.

É uma lei justa, além de compassiva, esta lei do Deus-menino.

Realmente seria uma crueldade, se quando, a nossa pele não pudesse receber já a seta envenenada, a seta lúbrica, tivéssemos de andar desamparados, sem um ideal que preenchesse o vago de sonho que trazemos dentro de nós, e sem o qual a morte valeria mais do que a triste vida arrastada nas trevas da soledade

fria e negra, onde nunca luz um olhar amigo, e nunca quebrada pelo som de um carinhoso apelo.

A mocidade é descortez e má, quando em almas moças de corpos cançados e gastos abre a doce chaga do amor, porque não sabe que essa chaga é a tal, a do sentimento puro e simples que não se propõe macaquear o amor forte e sensual da idade bem armada para a perpetuação do genero.

Quando os rapazes e as raparigas se convencerem do direito dos velhos, á compensação do bem perdido por outro bem menos sumptuoso, mas mais delicado e terno — a efusão espiritual — já não rirão criminosamente das criaturas tocadas pelas segundas setas de Cupido.

Tudo se paga. E êsses que hoje riem de um par desigual ou já entrado em anos, amanhã tomarão êsse lugar, porque o seu coração hade vir a gritar pelos seus direitos, quando a sua carcassa miserável se der por vencida, e incapaz do gesto criador.

Ninguém foge aos ataques do filho de Vénus.

Por mais invulnéravel que alguém se julgue, por mais usado, ao seu serviço, lá vem um dia em que descobre um lado fraco, lá chega uma hora em que na sua alma, se não no seu corpo, brotam energias novas e novos desejos.

A história da humanidade está cheia de exemplos de derrotados intangíveis do amor.

Salomão, o juís recto e sabio, modelo de virtudes, que nada abalava, ao qual coisa alguma conseguia romper a couraça de severidade que o cingia, fraquejou e entregou-se à sua louca paixão pela Rainha de Saba, rendido e submisso como um pobre escravo.

Chateaubriand nunca pode desfazer-se do encanto em que o trazia a linda Madame Récamier.

E, já velho, amava-a docemente, os desejos lúbricos dos verdes anos, transformados nessa suave ternura que o amor reserva àqueles que as graças da juventude abandonaram.

Idade de amar! Que tolice...

Não ha idades. Ha homens e mulheres.

Há a atracção universal e eterna dos sexos...

E, para glorificação do amor, para lavá-lo de tôdas as impurezas que a mocidade lhe atira, há a deliciosa sensação do espírito, êsse frêmito d'alma que sacode os velhos e os restitue à vida, quando tudo nêles parece morto já...

A iniciativa fascista na arqueologia

UM dos serviços que o actual governo de Italia tratou com particular es-tima, organisando-o, dotando-o, provendo-o de pessoal especializado, foi o das escavações. Em tôda a penin-sula e fóra dela, aonde exista boa relí-quia romana, merecedôra de regressar à luz, não falta a brigada de técnicos dis-posta a estudar o problema, sempre me-lindroso, da exumação. Sepultos a mui-tas braças de fundo, os monumentos e obras de arte, só por processos, conheci-dos de experientes apeñas, se consegue libertá-los sem dano irremediável.

Demanda perícia, saber e também muito dinheiro a execução do programa traçado e posto em andamento com o empenho e ardor agora notado em certos actos de

vida pública daquele país. Constitui ca-pítulo de orçamento, sem qualquer carac-ter provisório. Tôdos os anos lhe é atri-buída uma verba como se faz para os demais a cargo do Estado. Anda por dez milhões de liras o dispendido em tal ta-refa que começou e não acaba mais. Pompeia e Herculano absorvem a mór parte dêsse dinheiro. A seguir vem Roma, depois as restantes, segundo o plano es-tabelecido, dentro de critério mantido em reserva pelo alto mando. É mesmo possível que as decisões andem veladas por certo mistério, parecido com um se-gredo de Estado, visto o plano em mar-cha ser alguma coisa mais do que a satisfação de um aneio artístico, ou cien-tífico. Nem sequer o motivo de uma cres-

cente valorisação turística explicam a importância da ao empreendi-mento.

Quando se con-sidera o realismo habitual das deter-minantes gover-nativas, pensa-se na probabilidade de um motivo po-lítico influindo na orientação toma-da. Para as esca-vações adquirirẽem título de dever nacional, algum sen-timento de timbre nacionalista en-trou a vibrar com elas.

Não é difícil conjecturar qual seja, nem de acei-tá-lo como lógico.

Quem acompa-nha a oratória fascista, apelidos, in-voações, gèstos e outros pormenores do estílo recente, nota a repe-tição incessante da palavra império. O facto deve ter um sentido, ficam-



Um «Ave Caesar» de beleza rara achado no Forum de Trajano



Obras na Via del Mare em parte sacrificada pelas novas escavações

do afectado, como estulto, supôr que se trata de vã retórica. Apresenta-se mais sensata a hipótese de um sonho, ou da ambição de despertar o que em vez de morto se considere apenas adormecido. O império romano mudado, transfigu-rado, nunca deixou de existir. Com séde em Bisancio, em Viena, aqui ou ali, che-gou até nossos dias. Quem sabe se al-guém cogita repô-lo na séde original?

O pensamento não se tomará por es-touvado, dados os direitos tradicionais que à cidade trez vezes milenaria assis-tem, como madre e fiel depositaria da civilização mediterrânea, através dos se-culos.

Facto incontestável é o cuidado que o govêrno de Roma manifesta em estabele-cer o contacto do antigo com o recente, ca-paz de ligar o actual ocupante da penin-sula ao contemporaneo de Cicero, ou, melhor talvez, de Tiberio.

A' idéa não falta grandêsa, nem belêsa.

Mesmo como devaneio teria a sua gra-ça, e no fim utilidade, pelo que dahi re-sulta a bem da história e da arte. Não reste duvida de que estas contam desde já no seu activo valores inextimaveis. Ad-quiriram honras que nunca fruíram, ga-nham o que nunca puderam ganhar. O documento antigo recebe a consideração jámais conferida e para colocar em posto



Montículo cortado para desimpedir a perspectiva do Coliseu

digno, no bom lugar para ser admirado e venerado, não se poupam sacrifícios, nem se atende a motivo alheio ao valor artístico, ou histórico.

Seria injuriôso não reconhecer aos pápas, da Renascença para cá, um espírito diferente do manifesto pelos seus antecessores, durante mil anos entregues á destruição de quanto referia o paganismo. Melhor edificados, os que vieram ocupando o Solio Pontifício, de Leão X por diante, estabeleceram que uma coisa era belêsa de um lavor e outra muito diversa o ideal religiôso de quem o executou.

Um Baco exprime a mesma alegria no tempo de Adriano como no de Julio II. E não parece que tal sentimento ofenda qualquer crença. Dentro deste pensar se começou ha quinhentos anos salvando do martelo o que restava de estatuaria, adornos, moveis e hoje constitue a riqueza

de valor histórico, ou construção de valor histórico, capaz de informar sôbre as origens. Esse complemento do trabalho propõe-se realizá-lo o novo govêrno de Itália com suas escavações metódicas, dirigidas por arqueólogos de officio. A nova iniciativa conta já no seu activo grande número de obras louváveis,



A perspectiva do Capitólio beneficiada pelas obras



Obras da abertura da Via del Impero ao fundo da qual aparece o Coliseu

sa dos museus. Foi alguma coisa. Graças a tão meritorio modo de ver, p o d e m o s hoje deleitar-nos contemplando a melhor perfeição obtida pelo genio.

Por valorisar desde sempre ficou o monumento architectónico

de valor histórico, e no lugar aonde existia um aglomerado de casas vulgares, numa vertente do Capitolino, corre hoje uma avenida larga, a «Via del Impero», aberta para solenizar a primeira decada do regimen. Levá-la a termo custou muitos milhões, além de esforços pouco vulgares para entregá-la pronta no prazo estipulado. Cochicha-se que a ordem de cumprir até dia e hora certa a empreitada, causara suores frios a quem a dirigiu. Fez-se; e agora o colosso magestoso surge em pleno valor aos olhos que o contemplam assombrados desde a «Piazza Venezia», justamente considerada o coração de Roma.

A perspectiva formada passa à categoria de admirável entre as notáveis das grandes cidades do mundo, podendo até,

entre elas merecendo destaque a desobstrução do Coliseu, a fim de apresentá-lo em perspectiva digna da sua grandiosidade. Foi necessário demolir um bairro inteiro, desaterar, erguer suportes. O comando não hesitou. Os trabalhos precisos exe-

se atendermos à qualidade do que aparece à vista, declará-la única e incomparável.

Olhando de frente o Coliseu à distância de uns quinhentos metros, tem-se à esquerda o Fórum e coluna de Trajano, o Fórum de Augusto, à esquerda o Capitólio, a Basílica de Constantino, a Via Sacra com os Templos, os Fóruns o Mons Palatino.

Existe no mundo outra composição abrangendo elementos dêste quilate?

O que se está descobrindo e recompondo em Ostia, Pompeia, Herculano e outros locais, se não tem a significação e importância da parte romana, não desperta menor interesse e curiosidade aos estudiosos ou apaixonados do arcaico, por mera sensibilidade artística.

A ASTUCIA DE D. MIGUEL CERVANTES

O IMORTAL AUTOR DO
D. QUIXOTE DE LA MANCHA

temos um ceitil. Ninguém nos dá crédito, nem ninguém nos fia... Que vergonha, Miguel, que vergonha...



Miguel Cervantes Saavedra — (Escultura de Juan Cristóbal)

— Minha, a nossa glória... Que sucesso, Catarina, que enorme sucesso...

Isto dizia D. Miguel Cervantes embriagado com a interminável leitura da correspondência que recebera felicitando-o pela sua extraordinária obra literária e ao contemplar, embevecido, o seu romance de aventuras, traduzido em cinco idiomas, que estava sobre a mesa do seu pobre, senão miserável quarto.

A tristeza que transparecia claramente no rosto de sua mulher, contrastava em absoluto com a alegria e o entusiasmo de D. Miguel. Este, sentia-se maravilhado com o sucesso que a sua obra fizera mundialmente e aquela, sentida e maguada com a falta de dinheiro e a insistência pertinaz dos credores de seu marido.

Na mão de Catarina tremia um masso de contas a liquidar. Uma, era do editor de Madrid reclamando uma quantia elevada, visto ninguém comprar o «D. Quixote»; outra, do seu senhorio, exigindo-lhe o pagamento das rendas em atraso e ameaçando despedi-lo no caso de as não satisfazer imediatamente; outra, de um amigo titular que o prevenia de o terem acusado de defraudar o Estado.

Cervantes, a esta calúnia não se conteve:

— Infame e ingrata Pátria... E para esta acusação ignóbil deramei o meu sangue nos campos de batalha?... E, em combate, perdi um braço?... Basta, basta... vilões...

Em vão sua mulher procura acalmá-lo. D. Miguel nada ouve. O ultraje que lhe davam a saber, feito ao seu nome, cega-o de cólera e de ira.

— Ah, eu obrigarei a Espanha, e até o próprio rei, a ocupar-se de mim e do meu «D. Quixote». Abraça-me, mulher, minha esposa, abraça-me... Muito em breve a Espanha inteira falará de teu marido, de D. Miguel Cervantes...

— Mas até lá — responde-lhe Catarina, com pesar — terei de regressar das coimas de mão vazias, como agora... Não

As palavras de sua mulher causam-lhe profunda dor e, mudo, aliando o seu pensamento às linhas escritas pelo amigo, beija-a sôfregamente, delirantemente.

Desvairado e perante o olhar atônito da mulher, Cervantes senta-se à mesa e escreve, escreve vertiginosamente.

Durante três dias e quatro noites trabalha sem interrupção, sem repousar um minuto, sem descansar um instante. E um mês havia decorrido quando, em Madrid, apareceu à venda um opúsculo

com o título original de «Bicha de rabião» que fizera vender, em menos de dois dias, cerca de quatrocentos exemplares do «D. Quixote».

Em várias cidades, e muito principalmente na capital espanhola, foi grande a indignação contra o autor do célebre romance de aventuras. O opúsculo viera propalar que o «D. Quixote» era uma sátira escandalosa e que, nos seus pseudo-heróis, o rei e cortezãos eram ridicularizados sem consideração nem respeito.

O Conde de Lemos, grande amigo de Cervantes, ao ter conhecimento das intenções do Governo contra o autor de semelhante obra, apressa-se a ir procurá-lo colocando a bolsa á disposição para todas as despesas que ele tivesse de fazer com a fuga que lhe aconselhava.

Enquanto Catarina fica aterrorizada ouvindo dizer que seu marido ia ser prêsso, Cervantes, gracejando e sorrindo indaga o sucesso do opúsculo. O Conde de Lemos diz-lhe, então, que o folheto era arrancado violentamente das mãos dos vendedores e que em seguida, recorriam ao «D. Quixote», para verificar as alusões. Cervantes rejubila. Só assim conseguia ver a sua obra vendida, com interesse, aos espanhóis.

O seu sucesso, porém, acarretava-lhe a prisão e, para a evitar, o Conde aconselhava-lhe a fuga.

— Fugir, eu!? E depois de ter alcançado um tão estrondoso sucesso no meu paiz?! Não meu amigo. D. Miguel Cervantes nunca foge.

Fugir seria matar-me e matar a minha obra... Se fôr prêsso a culpa não é minha nem é tua... E agora bebamos pelo retumbante sucesso do meu livro, da minha obra prima, como a Espanha ainda reconhecerá, depois de todos os espanhóis a terem lido.

Cervantes, tendo despresado os conselhos do amigo, foi prêsso.

Avellaneda, creatura mesquinha e invejosa, aproveitando a sua prisão publi-



O regresso ao lar
(Estampa da Biblioteca de Madrid)

cou um livro intitulado o "Cavaleiro da Mancha", um romance monótono e sem interesse, onde o autor do "D. Quixote", era apodado de imbecil, velho e caluniador, isto, contra o opinião de todos os escritores da época que o consideravam um genio da literatura.

Filipe III, então rei, fôra atacado por uma grande doença de olhos e os seus medicos, ensaiando a cura, não lhe consentiram que visse a luz do dia, durante bastante tempo.

Aborrecido com o conselho dos físicos, o Rei, encarregou o Conde de Lemos de lhe arranjar um leitôr, afim de o distrair durante os longos dias da sua doença. A leitura, porém, deveria ser iniciada com o "D. Quixote", obra discutidíssima e que êle desconhecia.

O Conde de Lemos ficou radiante e, logo na manhã seguinte, deu ingresso num dos ricos quartos do palácio o enviado do Conde, sobraçando o célebre livro.

No final do primeiro dia de leitura,

Filipe III sentiu-se satisfeito e bem disposto e, ao terceiro, ria-se com as peripécias e aventuras de "D. Quixote", "Sancho Pança", e demais personagens. Tinha a impressão de que tudo aquilo se passava ali deante d'êle e as frases trocadas entre as figuras fôsses também proferidas, ali, na sua frente.

O entusiasmo do rei ía aumentando com a leitura. Quando ela terminou classificou o livro como uma obra prima e maravilhosa declarando que, logo restabelecido, daria uma festa em honra do autor.

Avellanêda, convencido de que o Rei o julgara a êle autor do "D. Quixote", gastou tudo quanto possuia na compra de um esplendoroso fato com o qual se apresentaria ao monarca no dia da recepção. O grande dia chegou, finalmente.

Os régios salões transbordavam de gente que ía apresentar as suas homenagens ao monarca restabelecido.

Avellanêda, em companhia de um fidalgo da côrte, entra e, reverente, ajoelha aos pés do Rei que lhe diz:

— Pedi quanto desejas. . .

Perturbado, o falso autor do "D. Quixote", não respondeu imediatamente. Enquanto reflectia, ouviu-se um grande sussurro. Qualquer coisa de anormal se passava. As atenções fôram atraídas para o Conde de Lemos que, ao lado de um homem embuçado e andrajosamente vestido, se dirigia para onde Filipe III se encontrava.

Próximo do Rei, o misterioso personagem descobriu-se. De todas as bôcas saiu o mesmo grito de surpresa:

— D. Miguel Cervantes!!!

— Sim, o autor do "D. Quixote", e o leitôr que Vossa Majestade teve durante a sua doença — concluiu a Conde.

Ao mesmo tempo, Cervantes, depunha nas mãos reais o manuscrito de que se servira para a leitura e que o monarca imediatamente reconheceu.

— Perdoai-me Vossa Majestade ter, sob palavra, dado liberdade a um prêso — continuou o Conde de Lemos. Quis porém, que houvesseis tido ocasião de conhecer pessoalmente um primor da



D. Quixote é armado cavaleiro
(Estampa da Biblioteca de Madrid)

moderna literatura e desmascarar, publicamente, um farçante, um mentiroso. . .

— Compreendo finalmente a verdade — responde Filipe III, dirigindo-se ao verdadeiro autor. Cabe-te agora a vez de me pedires quanto desejares. . .

— A impressão da minha obra, Real Senhor. . . — diz modestamente, Cervantes.

— Terás o teu pedido satisfeito — retorquiu-lhe o Rei — e tudo o mais que iria conceder a Avellanêda. . . Como porém, não quero deixar descontente êste homem e como êle pretendia ocupar o teu lugar, vou fazer-lhe a vontade. . . Avellanêda irá, imediatamente, substituir-te na. . . cadeia! . . .

E. . . assim se conta, em Espanha, como foi iniciada a venda do imortal "D. Quixote de la Mancha", pela astúcia de um formidável escritor que abandonou o mundo pobre e esquecido, como os homens célebres, como os grandes génios.

Torres de Carvalho.



Vinheta de Gustavo Doré que encina o segundo capítulo do «D. Quixote»

O Salão de Inverno e a exposição Alvaro Canelas

suas deformações muito pessoais, é, no fim de contas um purista do desenho, cuja síntese o torna escultórico.

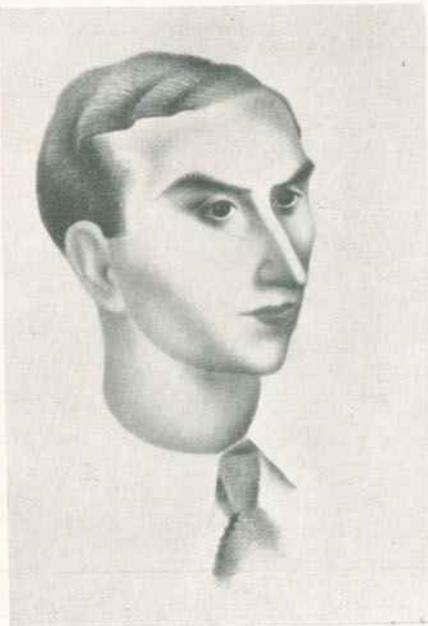
Ainda outros Novos se repetem, porém sem conseguir surpreender, mas tão só prender. E, senão com os mesmos quadros, com a mesma feição, como a do hieratismo rábico de Lino António e a do vigor sombrio de Dórdio Gomes.

Mário Eloy quiz agora ser menos independente, e, se perdeu em limpidês, virilizou-se em expressão. Outro pintor, êste, sempre másculo, alentou-se ainda mais na força do seu "desejo", perdendo, contudo, na força animica que exprimiam uns seus retratos já expostos, únicos capazes de competir com os de uns visitantes holandeses que expuseram na ocasião.

Olavo, o poeta do lapis, tem a pintura de uma paisagem que surpreende. Júlio dos Santos, o grande animador d'êste "Salão", tem á sua conta, umas flôres. Júlio, o diabólico, o tripudiante do colorido, consegue ser, com efeito, um anjo caído, nos traços traquinas do seu Músico Errante e do seu Boémio Mandraço. Taggaro, ainda devidamente lá está.

Isto, sem ter á vista o programa, o maior inimigo dos expositores. Quanto ao resto do certame, é do bom e do mau (senão para os academicos, para os próprios independentes).

Na escultura, revelou-se — pelo menos, para o crítico — Manuel Mendes. Em arquitectura, alguma intenção de arejamento, de novidade — intenção de novidade que não se deve confundir com aquela adaptação de navio de guerra ao alçado da nova Escola Naval. Será muito naval, mas é pouco belo.



RETRATO DE CARLOS QUEIROZ por Almada



RETRATO por Fred Kradolfer

O II Salão dos Independentes retrocedeu, como tal, sobre o primeiro, e os críticos oficiais louvaram-no como um progresso, segundo o bom-senso oficial. Está certo. Porém agora surge o seu aparentado I Salão de Inverno (tão ou mais temperado de independência que aquele II dos Independentes), e os ditos críticos parecem — nas entrelinhas, onde êles afinal criticam — voltar à primeira fôrma da sua consagrada desconfiança. Isto, depois de Marinetti ter, finalmente, e oficialmente, feito girar em Portugal o disco que gravou não se sabe já há quantos anos!

E então, não está de fôrma alguma certo, tanto mais que nesta última competição de Novos, por sinal pouco novos, há, na sua totalidade, uma revelação de Belesa fácil de se aprender, de se medir segundo a métrica que o geral da execução artística ainda impõe, entre nós, às sensibilidades. Assim, quando depois de se consagrarem Marinetti e outros, parece acordar-se em que apenas se procure a Belesa onde a haja, à parte de processos, a despeito dos que negam à copia fiel uma interpretação de Arte, e dos que vêm com o equilíbrio clássico da Renascença.

Pois bem. E não há Belesa, e nada suspeita, mas clara, nítida, na espiritualidade tão subtil, ao ponto de irónica, dos retratos de Fred Kradolfer? nos da nova modalidade, menos infantil, irrequieta, mais sôbria, concentrada — de Sarah Afonso? (sobretudo nas duas saloias, e em especial na de maiores dimensões); e ainda, nomeadamente no poeta António Navarro, de Almada? Aqui está um Novo, sempre o mesmo e sempre novo, que ainda nos consegue surpreender com a frescura, acabadinha de colher (como se tal ainda lhe não tivéssemos visto!), daquela poética trindade de meninas, onde uma delas tem na mão uma flôr como um resumo do grupo. Também, com aquele quadrinho colocado à esquerda do seu canto, que nos recorda, pela graça, certas figuras da Laurencin. Almada, que irritou o indígena com as



Mãe por Sarah Afonso

A exposição Canelas

Pela segunda vez, Canelas expõe nas "Pratas de Arte", da rua do Mundo; e crêmos que pela quinta vez, em Portugal. Sempre diverso, depois da face do seu mundo individual ter dado mais uma volta. Nenhum temperamento, na república das Artes, é mais irrequiêto que o d'êste homem, que já classificámos de Poeta da Acção, o que o continua a ser, circulando simplesmente pela *urbs*, aparecendo-nos como expositor, assomando-nos o primeiro, á frente de iniciativas generosas.

Um dia, Canelas surgiu-nos de Paris, ou melhor, do estrangeiro — um estrangeiro de metrópoles, de mares, de mil vicissitudes —, e trazia uma bagagem cheia de desenhos e de projectos renovadores. Uma vez implantada entre nós a sua tenda, tentou remodelar o meio e edificar nele o que os seus olhos traziam, creando uma revista. Na sua exposição do ano passado, apareceu-nos com tendências dominantemente místicas, dadas nuns desenhos rápidos, activos, sem tempo para na verdade serem místicos, como êle. Para a presente exposição anunciou-nos: "Deixei errar os meus olhos por Portugal... por pedras... "o irreal", etc. E ei-lo, depois de ter corrido França, Bélgica, Alemanha, desenhando casas arcáicas, típicas janelas, vultos de velhos castelos, trechos de pedras, que vivem e falam do seu país; tudo isto com uma fidelidade carinhosa, com uma escolha de motivos, em que melhor se reconhece a sua sensibilidade, tal como ao reproduzir-nos, o ano passado, pedaços de Alfama. O Estado adquiriu-lhe, justamente, um d'esses quadros.

Canelas tem ainda alguns pormenores de desenho bem observados, e uma cabeça de velho, como que talhada a escôpro sobre granito. Devemos ir à exposição d'êste homem, que é um exemplo na nossa modorra de contemplativos, em eterna adoração de bonzos, à amenidade do clima.

A. R.

O Natal em Londres



EM Inglaterra é hábito, durante a noite do Natal, as crianças das escolas executarem, com acompanhamento de órgão, cantos religiosos. Para isso, é-lhes distribuída a música e os versos afim de melhor poderem cantar.

Na Jugo-Slávica



O rei Alexandre da Servia inaugurou, há dias, a estátua do rei Pedro I, por ocasião do aniversário da criação do reino Jugo-slavo, que uniu todos os slavs do sul.

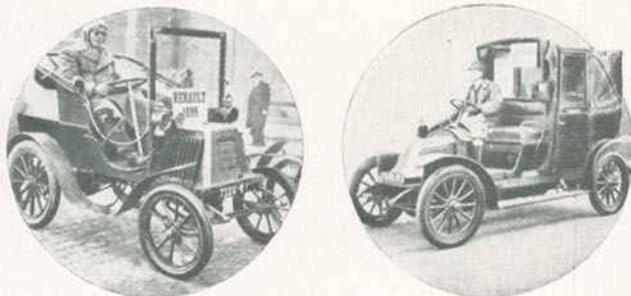
A graça alheia



— JULGA-SE CAPAZ DE TOMAR CONTA DUM LOGAR EM QUE TEM DE ESTAR CATÓDICE BÓIAS POR DIA SEM SAIR DUM ARMAZÉM?
— SE SOU! JÁ ESTIVE O-TO ANOS PREFERO...

PELO MUNDO FÓRA

De 1832 até aos nossos dias



EM plenos «boulevards» de Paris passou há quinze dias um cortejo curiosíssimo. Fez-se reviver tudo quanto era transportes em 1832 e anos seguintes. Os primitivos automóveis, os «omnibus», os calceches, as velhas equipagens tudo se fez rolar novamente pelas ruas centrais da capital francesa. Foi um espectáculo soberbo de reconstituição histórica e de saudade para os que ainda são dêsse tempo...

As futuras bailarinas



NA Academia Nacional de Música e Dança de Paris, que funciona no monumental edificio da Opera, há uma escola de dança. Nos intervalos das lições de baile, as jovens alunas aprendem também história, geografia e aperfeiçoam-se na escrita e leitura.

Pesca milagrosa



NA praia francesa de Sables-d'Olonne, o velho marinheiro Vintrule, pescou um peixe verdadeiramente monstro. Pescava mais de 250 quilos e media três metros e meio de comprimento.

A aviadora mais nova



ACABA de tirar o brevet de piloto, no aeródromo de Orly, em França. Jeanne Huguenin, de dezoito anos, é a mais nova aviadora francesa e do mundo.

O engenheiro Eiffel



Fez agora 100 anos que nasceu em Dijon o engenheiro Gustavo Eiffel, construtor da estátua da liberdade em New-York, da Torre Eiffel, em Paris e do elevador de Santa Justa em Lisboa.

Bonecas japonezas



ORGANISOU-SE em Londres uma curiosíssima exposição de bonecas japonesas, que foi inaugurada pelo Ministro das Relações Exteriores e Embaixador do Japão na capital inglesa.

A graça alheia



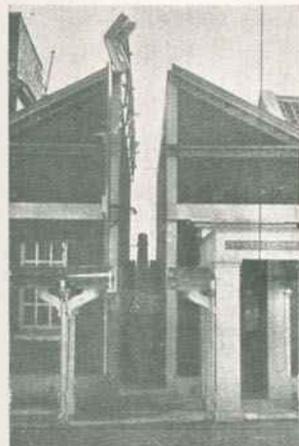
— HÁ SEIS MESES QUE PROCURO TRABALHO...
— O QUE FAZIA ANTES DISSO?
— ERA EMPREGADO NO COMISSARIADO DO DESEMPREGO.

Morte de Brieux



MORREU em Cannes o grande dramaturgo Brieux, autor das obras *Blanchette*, *La Robe Rouge*, *Les avariés*, *Maternité*, *Simone*, etc. A França perde um dos maiores escritores teatrais. A personalidade de Brieux fica bem assinalada em todas as suas produções. Era um auctor vigoroso, cheio de qualidades e que marcou uma época na vida teatral franceza.

A «hora do mundo»



A «Transit-Circle House» de Greenwich, onde, desde 1850, se regista a hora para todo o mundo. Quando o sol se encontra por cima do meridiano de Greenwich, o telhado dum dos prédios abre-se, para deixar passar os seus raios que vão fixar, com precisão a hora do meio dia.

A graça alheia



— DOCTOR, CONSULTEI UM FARMACEUTICO...
— É CLARO, EM VEZ DE SE DIRIGIR AO MÉDICO... VAI AO FARMACÊUTICO... SEMPRE GOSTAVA DE SABER O QUE LHE ACONSELHOU ESSE ANIMAL...
— ACONSELHOU-ME A VIR CONSULTÁ-LO...

PELO MUNDO FÓRA

Prémios literários



As duas faces da medalha do prémio Nobel que este ano foi atribuído ao escritor Galsworthy.



Da esquerda para a direita: Ramon Fernandez, prémio Femina; Simone Ratel, prémio Inter-aliado; Ferdinand Celine, prémio Theophraste-Renaudot e Guy Mazeline, prémio Goncourt, concedido ao seu livro «Les Loups», à venda na livraria Bertrand.

O desemprego em França



Os desempregados dos arredores de Paris — Seine, Seine-et-Oise, Seine-et-Marne — depois de terem enviado uma comissão à Camara dos Deputados, fizeram um comício na praça Saint-Denis, onde alguns oradores uzaram da palavra. Não houve uma nota discordante. Tudo se passou com ordem.

A propaganda da paz



ALGUNS países, como a França, o Japão e a China estão fazendo a propaganda da paz, pelas estampilhas. Damos as reproduções. Todas elas têm como símbolo ou uma pomba ou a clássica fôlha de oliveira.

Entre orianças...



NUM dos parques infantis de Paris, efectuou-se há dias, uma corrida de pequenos automóveis, movidos a pedais. Só podiam ser concorrentes os «chauffeurs» dos 5 aos 6 anos e com determinado peso... Foi uma festa encantadora, como sempre as que metem petizada... Corridas como esta são frequentes na capital francesa. Porque razão, entre nós, não se realizam idênticas festas? Não viria daí alegria à nossa criança de que tanto necessita o seu organismo? É uma ideia a pôr em prática...

O Sultão de Marrocos



O Sultão de Marrocos, Sidi Mohammed ben Moulay Younef, foi passar uns dias a França. Visitou os castelos do Lovic, quasi todas as praias do sul e algumas termas. Esteve em Vittel, onde assistiu a uma festa infantil, dada em sua honra. Depois esteve em Royan, Bordeaux, Biarritz, Pau e Luchon.

A graça alheia



— TU ÉS MAE, TÔTÔ. VOU FARER QUEIXA A TEU PAI!
— VÊ-SE LOUÇO QUE ÉS MULHER... SÃO PODES GUARDAR UM SEGREDO...



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



PENSAMENTOS de um *chauffeur* solitário:

— Um carro fez-se para andar. O peão não tem o direito de existir. Mata que é peão.

— Raios partam as velhas, os cães, as galinhas e os peões.

— O maior prazer da vida é ultrapassar.

— Pensa o *chauffeur* do peão: Se não foges... Pensa o peão do *chauffeur*: Deus permita que partas um semi-eixo para abaixares as farroncas.

Pensa um cavalo chamado para rebocar um carro em *panne*: Vale mais um cavalo ao natural do que 40 cavalos panados.

— Um sinaleiro? Oh diabo!



APONTAMENTOS para um dicionário:

Desinteresse. — Hum! Não te fies.

Empréstimo. — Dão-se alviças a quem encontrar um di-

neiro que se perdeu nas algibeiras de um camarada de falas mansas, cara compungida e que passa por nós sem nos conhecer.

Erudito. — Pessoa que tóda a gente julga que sabe muito. Não o folheiem. A ilusão é necessária à vida.

Fado. — O tipo mais usado na tipografia da T. S. F. e das grafonolas portuguesas.

Indulgência. — Impunidade por esta vez.

Inferno. — Um belo elemento decorativo em vermelho. Há dois: o de lá, fracamente positivo. O de cá: quatro cruces com na reacção de Wasserman.

Mineiro. — Furão da fortuna alheia.

Pínote. — Ensaio de coice.

Pachorra. — Palavra sonora, inventada para provar que *Arroz* não é a única palavra que se escreve com dois R R.

UM ano novo que chega. Será bom?

Será mau? No dia 31 de Dezembro de 1933 o leitor que responda visto que o não pode fazer antes, por muito que queira.

Os escritores e a gastronomia:

Todos os escritores têm mais ou menos ligado o seu nome a uma receita de cozinha: Batalha Reis a um bacalhau; Ramalho Ortigão a umas batatas empoladas que são uma delícia; Bulhão Pato a umas ameijoas que são servidas em todos os restaurantes; Júlio Cesar Machado a uma caldeirada e uns ovos mexidos;

Teixeira de Vasconcelos a umas sardinhas recheiadas; Fialho de Almeida a um arroz de perdizes que era, segundo o confessava a sua melhor receita. (Fialho era médico); José Inácio de Araujo, o popular autor das *Intrigas no Bairro*, a uma açorda portuguesa; o Conde de Monsaraz a uma salada primitiva.

Não só do pão vive o homem, diz o aforismo. Pois não. Vive também do resto, coisas boas, pecados deliciosos a que não resiste nem o crime nem a virtude. E é que as receitas de cozinha em alguns escritores não são das suas peores páginas. Antes pelo contrário.

VATEL suicidou-se em Chantilly por lhe ter faltado o peixe no jantar com que o príncipe de Conde devia honrar Luís XIV e de que êle era o cozinheiro. Exemplo quasi

único de tóda a história: haver um homem que se suicida pelo jantar... dos outros.

SE és amador de antiguidades vende depressa as tuas colecções a outro amador que não saiba que quem fez essas ainda pode fazer outras.

MORREU Bento Mântua. Está de luto a literatura dramática portuguesa. Morto Marcelino Mesquita, Bento Mântua era o mais pujante, o mais intenso, o mais vigoroso homem de teatro das nossas letras. O *Alcool*, a *Má sina*, o *Ordinário Marche*, a *Gente moça*, o *Fado*, e tantas outras obras primas, o atestam.

O seu teatro, quasi todo com tendências sociais, era um teatro de paixões e instintos, mas era também um teatro de ideias e de sentimentos. Um grande, um notabilíssimo escritor, a quem a posteridade fará a merecida justiça, um grande e nobilíssimo amigo que nunca deixarei de recordar saudável...

..... a pó não se reduz a luz, a alma do homem: nem os vermes a consomem; os vermes não comem luz!

escreveu João de Deus. Não senhor. Comem apenas a vela que a deu.

« PLAGIAR é implicitamente, admirar », diz Júlio Dantas. Será. Mas não é nada honroso ter um gatuno por admirador.

NÃO acredites em coisa alguma, dizia um homem a outro. É inútil a advertência, redargue-lhe o interlocutor, porque graças a Deus eu sou atheu!

LA Rochefoucauld e a musa popular portuguesa:

Do primeiro:

« A ausência deminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, como o vento apaga as velas e atija as fogueiras ».

Da segunda:

*O que o vento e para o fogo
É a ausência para o amor.
Se é pequeno apaga-o logo.
Se é grande, fá-lo maior.*

MANN assevera que « o maior dos criminosos é aquele que deseja a mulher do próximo. Tontice. Como se alguém desejasse a mulher do próximo sem ser quando ela está distante... »

« AMAR e ser amado que ventura »

escreveu Gonçalves Crespo. É que êle nunca conheceu o prazer de aturar uma senhora ciumenta, que nos quer todo para si, que nos telefona, que nos acompanha, que nos espia, que nos seca, que nos não larga. Que nos faz a vida intolerável e no fim nos pergunta, com a maior das ingenuidades: Não és feliz, meu amor, de ser amado assim?



Foi Camilo quem escreveu: « O amor faz herois, mas também faz patetas ».

Na vida, e especialmente na vida de hoje, faz apenas pate-

tas. Herois, são apenas os dos romances, e muitos há nos seus. Mas já morreram todos.

NÃO peças fidelidade à mulher, pede-lhe amor. Porque sem amor, difícil é que ela te guarde fidelidade e para te guardar fidelidade, basta só que ela te tenha amor.

Albino Forjaz de Sampaio.

TIVE como companheiro de carteira, nos primeiros anos do liceu, um rapazinho enfeimigo — o Domingos, que usava uns fatos tão velhos como os seus livros. Nem tinha Atlas de geografia, e por isso estudava pelo meu, fazendo nós de comum acôrdo os pontos-escritos como paga da sua parte, pois que era um bom estudante. Assim, segundo um egoísmo já perfeitamente razoável na nossa creancice, mas que pus de parte, desde que um exercício me levou a sua casa, fielmente com o meu Atlas.

Não mais pude esquecer a impressão amarga que me causou a pobreza em que o meu colega vivia, com sua mãe, uma mulher-sinha vestindo chita, e seu pai, um trabalhador rude e franco. Tôda a família se pôs a admirar na sua pobreza, o meu Atlas, que o filho, com a sua sapiência classificou lisongeiramente entre os melhores, e a que o pai botou um preço fantástico, invejável.

Desde aí deixei de contar com a obrigação que o Domingos tinha de me ajudar nos pontos-escritos, e em vésperas de termos geografia, passei a ir espontaneamente a sua casa, com o célebre Atlas. Mal me abria a porta, a humilde mãe tôda se atarefava em rodear-me com o filho, de todos os magros confortos do seu lar. Depois, quando o marido chegava pela noitinha, também me acolhia com a maior franqueza das suas maneiras rudes. E bastas vezes ambos, debruçados sobre o nosso estudo, me perguntaram para que estudava, declarando-me logo que o Domingos era para médico — seria doutor. E afirmando-mo, os dois sorriam satisfeitos como se vissem já na abastança do futuro clínico.

Também, o filho prometia vir a ser até um médico ilustre. Apenas era um cinco-réis de gente, sempre a sumir-se nos seus fatos delidos como êle. E um dia adoeceu da garganta, pondo-se a faltar a aulas sobre aulas. Era eu que ia lá ao seu quarto obscuro, com aparência de sujo, dar-lhe conta das lições que se iam passando, para que não deixasse de vir a ser médico. Mas, de tarde para tarde, menos o via, com a cabeça enterrando-se no travesseiro e sumindo-se debaixo do enorme cobertor de papa, sobre que a mãe o parecia procurar a todo o momento, com as suas mãos trémulas, enquanto me dizia:

— Para a semana... para a semana já vai ao liceu!

Porém, um dia, correu a abraçar-me num choro convulsivo. Do futuro doutor, em que o pai pregava um olhar incrédulo, de idiota, nada mais se via que um voluminho imóvel, quasi indistinto sob o enorme cobertor de papa.

Eu próprio também não acreditei que "aquilo" fôsse o Domingos, o meu companheiro de carteira... Mas depois vi-o perfeitamente, rígido... Era êle — sem dúvida êle, com os olhos cerrados na-



O NATAL de dois velhos

quela mesma aplicação com que procurava um ponto da lição. E lá o fecharam no caixão, com tôdas as lições bem sabidas, para afinal o lançarem e soterrarem numa vala.

E por instinto — um instinto superior ao de não ter mais nada que lá estudar, voltei à casa pobre do Domingos. Sua mãe voltou a abraçar-me a chorar, e mostrou-me uns retratos dele, distribuídos pelas várias dependências, todos iguais, pequeninos, de uma série barata que o filho tirara para efeitos burocráticos do liceu.

— Era muito bom estudante, não era?

— Sim.

— E seria doutor. Um bom médico, não é verdade?

— Sim.

— Está no céu...

E pôs-se a chorar.

Depois dessa visita, fiz mais algumas, sempre mais espaçadas.

Um dia pareceu-me reconhecer o pai, o trabalhador rude e franco, num velhote vestido de preto, alquebrado no seu sobretudo e com nariz de bêbado. Não resisti à tentação de me certificar; e era com efeito o pai do Domingos, que me esteve fazendo queixas da mulher, que desde que o filho morrera, estava uma rabugenta, uma velha, uma beata.

O tom da sua fala pareceu-me condizer com o aspecto do seu nariz. Mas estávamos em Dezembro, talvez fôsse do tempo e dos seus anos. E perguntei-lhe onde moravam, o que o alegrou ante uma visita minha à velha.

Guardei a minha visita para mais próximo do Natal, e fui dar com a mãe do Domingos, que logo me reconheceu, feita uma velhinha e que, abraçando-me com o seu ar de dó, se pôs a fazer-me queixas do marido. Desde que o filho subira ao céu, fôra trabalhando cada vez menos e estava um bêbado, sempre metido na taberna, deixando-a só em casa, a olhar, a olhar para os retratos do Dominginhos.

Estes lá estavam, com efeito, agora tôdos juntos. E pedi-lhe um para lhe fazer uma surpresa. Só mo confiou, e por alguns dias, ao facto de que eu desejava fazer uma ampliação.

Encomendei-a, e decidi oferecê-la à velhota no dia de Natal. Foi um enorme júbilo para ela — pois como estava grande o seu Domingos! E recomendou-me voltar à noite e não dizer nada ao marido, se acaso o visse. Entretanto, foi guardando avaramente o original da ampliação, que fielmente lhe devolvi.

Apesar disto, e tomando tudo à conta de segunda creancice, ainda voltei à noite com um pacote de broas. Quando subi as escadas, dei com a velhota que subia adiante com uma ramagem de pinheiro. Pretendi ajudá-la, mas escusou-me e lá em cima, depois de ter metido para dentro a ramagem e receber a minha nova oferta, pediu-me para ir buscar o marido a uma taberna proxima.

Aí o encontrei fielmente, encostado ao balcão, em avinhada conversa com um rapaz. E foi um castigo para dali o arrancar — por causa da rabugenta da velha!

Ao fim sempre me acedeu, e voltei com êle para casa. A velha acabava de armar uma arvore de Natal, pendurando-lhe a ampliação e os outros retratos junto com algumas broas.

— Vem ver — disse de entrada, ao marido — Vem ver o que nos deu o menino Jesus.

— Isto é que ela está mesmo de tôdo... Muito obrigado, meu caro senhor.

Ela tirou uma broa da arvore, deu-lhe uma dentada e ofereceu o resto ao marido, com um tregeito de namorada:

— Toma, meu tolo... E vê como está bonito o nosso filho!

O velho sorriu, antes de morder a broa: — Parece-eia que ainda o vai ter, assim tão bonito!

— Quem sabe... — reforcei eu. — Se já o teve uma vez, porque o não ha-de ter ainda outra?

— Espere. Não se vá embora, sem também a sua prenda — disse-me a velha. E veio entregar-me, finalmente, o original que servira para a ampliação.



Desenho por José Contente

A vida é dura para todos, mas mais especialmente para os que têm a desventura de se consagrar às artes na nossa terra. Artistas, escritores e poetas, maus Fados os perseguem, que raro conseguem aquela mediania de que fala o poeta e que dá a felicidade. Camões e Bocage morreram no hospital, João Penha morreu na miséria e Gomes Leal, vaiado nas ruas, não morreu de fome e de frio num portal, porque a alma compassiva de Ladislau Batalha o recolheu e acarinhou.

Vem tudo isto a propósito de dois artistas, pintor um, escultor o outro, que vivem modestísimamente, fazendo pela vida o esforço hercúleo de a viver sem vergonha própria e sem colhões com o



Porta da Conceição Velha por José Contente

mundo. Anonimam-se, para não serem perseguidos, porque o mundo têm um especial prazer em perseguir e maguar os que vê, embora transitóriamente, na mó de baixo. José Contente é o pintor. Estudante das Belas Artes, natural de Coimbra, vive de concertar relógios. Os seus dias gasta-os nas au-

las, na factura dos seus desenhos e quadros, e as suas noites no repouso indispensável e em fazer concertos em que é exímio. Vive do que lhe dão esses trabalhos e da venda dos seus quadros e desenhos. Celestino Tocha é escultor. Esse vive um pouco pior, porque ele e o pai não tem mais de 160 escudos para comer, beber, vestir, dormir, etc..

Mas quem é José Contente? E' um pintor que já têm realizado várias exposições com pleno êxito. Do seu valôr dizem os mestres com louvor e dizem as gravuras que publicamos que mostram o que ele é como desenhista, de uma finura e meticulosidade que nos encantam e entremostra já o que ele no futuro virá a ser. Trabalhando sem descanço, modesto, com uma fé extraordinária em si próprio, José Contente não desanima e não esmorece. A um desenho sucede-se outro desenho, a um quadro outro quadro. Quando a Arte não dá e os amadores se retrahem, a bancada não lhe nega o pão que comido com sonho é melhor do que o menú opíparo de um banquete. E' vêr esse pulpito de Santa Cruz, essa porta da Conceição Velha, para se apreciar como faz falta uma organização que proteja os artistas pondo-os ao abrigo da miséria, incitando-os ao estudo, dando-lhe meios para que o foga-

A luta pela vida de dois artistas e as malasartes na nossa terra

cho interior que os devora, se amplifique e torne num incendio fructuoso para a sua gloria individual e magnifico para a Arte do paiz.

O dr. Raúl de Miranda, professor de História de Arte e assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, escreveu, prefaciando o catálogo da primeira exposição dos trabalhos do Artista, realisada em Coimbra em 1930: «ao constataremos os seus progressos nitidos e convin-

centes, que são forte razão decisiva no pleito de julgar, afigura-se-nos como forte realidade ter a Pintura Nacional mais um artista que para o futuro a há



Busto do pintor José Contente por Celestino Tocha

de honrar com brilhantismo, como hoje já a não deslustra, com as suas pronúncias de real valor.

Modesto por natureza e indole, José Contente vivendo numa ânsia de per-

feição que só os verdadeiros artistas sentem com fervor, trabalhando com a abstinada firmeza dos que procuram o triunfo com a sinceridade das suas convicções e a clareza transparente dos seus processos licitos trouxe à censória mesa da opinião pública algumas dezenas de trabalhos seus, para que ela julgue em última análise e dê depois o seu *verdictum* definitivo.

Vários são os motivos dos seus qua-



Busto do escultor António Soares por Celestino Tocha

dro, desde a paisagem rústica ao monumento histórico, desde os santos de antanho, até ao marulhar espelheiro das águas.»

José Contente não deve ter receio de haver exposto as suas telas, desdortinando assim ao olhar de todos a sua arte.

Quando um pintor, através dos seus trabalhos, deixa transparecer o verdadeiro sentido artístico, deve utilizar esse mesmo sentido com entranhado amor, desenvolvê-lo dia a dia com filial afecto, para que ascendendo sempre, se torne amanhã diferente do que hoje é, como hoje já não é igual aquilo que foi hontem.

Ora precisamente isto, temos nós vindo a admirar no artista com sup-

bida simpatia, desde os seus primeiros dilículos na pintura.

E é essa a razão porque se nos não antoiha difficil augurar a José Contente o logar que na Pintura Nacional lhe há-de pertencer, quando a sua Arte tiver adquirido a plenitude das suas qualidades, que os seus quadros de agora tão auspiciosamente na «mancira e sinceridade, revelam em tom de convencer.»

Está visto, pois, ser José Contente um verdadeiro artista que só teve a desgraça de nascer em Portugal. E como é um verdadeiro artista, alheio a discussões e guerreias de café, ele vai trabalhando com afim, certo de que quem não trabuca não manduca e de que tempo virá em que não precisará de trabucar tanto e tão duramente para mandar o que lhe apeteça.

Celestino Tocha é escultor, aluno da Escola de Belas Artes. Dinheiro nenhum, comida por aqui, por ali, um convite que se aceita, a sopa económica



O pintor José Contente, no ato de uma jôvelia do seu quarto, concertando relógios

que o espera quando há para isso, e entretanto sonhando em ser alguém e com gadanhos ágeis buscando arrancar ao barro a corporisação do sonho que o devora. Os dois bustos que publicamos são a prova do artista, bustos gratuitos, bustos por amor da Arte. Ora não haveria por aí alguém que desejasse o seu busto em troca dumas notas com que facilitasse ao artista a sua carreira?

Como se vê, a luta pela vida é quasi trágica, e são exemplos de robusta tenacidade estes dois rapazes que estão persuadidos de que a Vida é bela e a glória o espera para os coroar de rosas. A Glória! Forte megêra que só mostra as rosas, para que se não vejam os espinhos da corôa que ela tem para lhe dar.



Busto de Santa Cruz (Coimbra) por José Contente

Sonetos Brancos

I O Soneto

*O florentino tímido de prata!
Ó sepultura de estorze versos!
Domais viveu em ti, aprisionada,
A asa vibrátil do meu pensamento!*

*Domais soufri a dura disciplina
Do teu direito de catorze pontas,
Soneto arcaico, inquisidor vermelho
Que Petrarca lut seis séculos gerou!*

*O taça antiga de catorze gomos,
Taça d'ouro de Guido Cavalcanti,
Bebi por ti, mas atirei-te ao mar.*

*Não se ouvem mais os combatos da rima
Asa liberta, vou em liberdade!
Jaula de bronze, estás aberta, enfim!*

II O homem e o espelho

*Ésse homem inquietante e incompreensível,
Ésse estrangeiro que é a minha sombra,
Com quem convivo lut já dezenas de anos,
E que é sempre um enigma para mim;*

*Ésse homem que hora a hora se transforma,
Que, sendo o mesmo, a cada instante é outro;
Cuja grandeza às vezes me deslumbra,
Cuja miséria às vezes me apavora;*

*Ésse homem, essa esfinge, esse mistério
Que eu interrogo em vão, desde que tenho
A consciência da vida e de mim próprio,*

*Vi-o ontem, ao passar diante d'um espelho:
Como ele em pouco tempo envelheceu,
E com que espanto ele encarou em mim!*

Mdade

*Quando, na iongaula da existência,
Tentei, sorrindo, tomar primeiros passos,
Eu trazia uma pupila não
A quem todos chamam Mocidade.*

*A vertigem da embriaguez-me.
Já não marcheje, e E corri tanto,
Que a minha loira e azul amiga
Não pôde acompanhar-me na jornada.*

*« Onde vais, como és, tão depressa? »
Eu continuei correndo, e a Mocidade
Parou, cansada, ao do caminho...*

*Hoje, que a neve aos meus cabelos,
Volto-me para trás ao a vejo;
Nem parando na arte a verci mais...*

V Macos

*Nesse jardim, que shia a luminosa
E fria nitidez amarela verde,
Os macacos olhava me impassíveis,
Da sua jaula enor a multidão.*

*Um deles, fulvo, revivo, hirsuto
— Era um orangotango de Sumatra —
Fitava em nós, numa expressão humana,
Os seus olhos doiras e redondos.*

*Aproximei-me. Olhei ao perseguido,
Nessas pupilas de tal ardente,
O vão problema da ancestralidade,*

*Eu vi, inexorável e profundo,
Todo o desprezo da raça forte
P'la descendência a degenerou.*

V Os falhados

*Aqueles ignorados de si próprios
Que possuíram a alma dos heróis,
E que o não foram, porque o seu heroísmo
Não teve ensejo de se revelar;*

*Aqueles que nasceram bafojados
Pelo gênio, e que nunca o suspeitaram,
Como os diamantes cuja claridade
Dorme no ventre fundo dos rochedos;*

*Aqueles que, sonhando numa mulher
E tendo-a procurando a vida inteira,
Não encontraram a mulher sonhada:*

*Pobres d'êles! Bastardos do Destino,
Andaram pelo mundo como sombras,
Passaram pela vida sem viver.*

VI Tédio

*Crepúsculo de inverno. Recostei-me,
Sonolento, à janela do meu quarto,
E acendi um charuto. Nas vidraças
Batia a chuva, oblíqua, como cinza.*

*O céu era uma cúpula de chumbo.
O cigarro amargou-me. Um tédio mole,
Como um pólvora cinzento e formidável,
Descia, a pouco e pouco, sobre mim.*

*Escureceu. Um klaxon de automóvel
Rison, ronco, o silêncio. Arfavam sombras,
Caiu a noite, em coágulos de treva.*

*Na escuridão, como um rubi suspenso
Duma teia de aranha imperceptível,
Brilhava a brasa viva do charuto.*

Júlio Dantas



O tanque de verão das instalações da «Vila», que nos meses de Inverno está vazio.

representem uma evolução. Tudo vai ser igual e, no entanto, quanto entusiasmo, quanta emoção, fará vibrar a massa enorme dos adeptos do desporto através as manifestações da actividade nacional!

Vamos ter novamente em Nicolau e um Trindade perseguindo-se por essas estradas de Portugal, mais populares do que os homens de Estado ou homens de ciências, captando para o seu duelo o interesse do país inteiro; teremos mais uma vez um campeonato de Lisboa de football do qual todos dizem pior que Mafoma do toucinho, mas moldado em formas idênticas, porque os dirigentes que na hora da política socialista soltaram das mãos a autoridade, não têm agora bases para a reháver.

Peor do que no ano findo, mas não tão mal como no ano que há de seguir, se arastará a existência dos restantes desportos, sem recursos, assaltada já pelos vícios que adquiriu no contágio dos senhores todos poderosos que conquistam triunfos e fabricam atletas a péso de escudos.

Nesse campo é possível que haja progresso e se revelem surpresas; no final de 1932 já se recorreu quasi ao

1 de Janeiro. Na vida da humanidade inicia-se um novo ciclo que, quasi sempre, resulta numa repetição, com escassas variantes, dos factos que encheram os dias do passado. No mundo desportivo, essencialmente metódico na organização das suas manifestações vitais, as coisas apresentam-se sempre dentro deste aspecto de eterno renascimento: os mesmos campeonatos, as mesmas lutas, os mesmos ideais. Só os homens variam, os vencedores se sucedem.

Ao despertar de 1933 nada nos indica este novo ano como susceptível de nos reservar acontecimentos que marquem uma data ou

raptos como argumento convincente; nada admira que o futuro aperfeiçoe o método.

Quem não deve gostar da evolução é a senhora moralidade desportiva. Mas essa, coitada, tem sido tão mal tratada, tem recebido tanto dissabor!

No 1935 lhe seja propício, desmentindo o nosso pessimismo, mas o antecessor deixou tão maus costumes que pouca confiança nos pode merecer o recém-nascido.

Consta que o Benfica vai construir uma piscina, diz-se que uma empresa comercial

O QUE SERÁ O NOVO ANO EM MATÉRIA DESPORTIVA?

que explora um parque de divertimentos terá idêntica iniciativa, e o Algés e Dafundo iniciou já a edificação de uma pequena piscina coberta para treinos durante o inverno.

A ser assim a natução lisboeta entrará no caminho de franco progresso que atualmente é impossível por falta de recursos.

O exemplo de Madrid, que os portugueses puderam há pouco verificar, é concludente. Em dois anos a capital espanhola viu surgir dez piscinas e uma praia; como consequência os seus nadadores progrediram dia a dia e constituem já um núcleo fortíssimo que dentro em pouco tempo poderá competir com Barcelona.

Pode causar espanto que em Madrid, no coração da península ibérica, se tenha descoberto uma praia; mas nada mais verdadeiro. Ela existe, com areia, água em abundância, uma margem pitoresca, e lá se pode nadar e remar à vontade. Não foi a natureza que a preparou, é resultante do artificio dos homens, mas isso que importa?

Na margem do Manzanares, à quem da cidade, numa extensão de uns trezentos metros, uma sociedade industrial adquiriu terrenos, vedou o rio a montante e construiu a jazante uma barragem que elevou o nível da água de dois metros e meio. Daqui resultou o alargamento de certas zonas marginais, devidamente preparadas, que constituem a praia artificial.

O recinto está murado, e o direito de entrada adquire-se mediante o pagamento de uma peseta e setenta e cinco céntimos. O sucesso da empresa no verão passado foi formidável. Para formar uma ideia da frequência habitual nos meses de funcionamento da praia, basta saber que a receita média apurada orçou por quarenta mil pesetas semanais, o que equivale a vinte e três mil pessoas entradas, aproximadamente!

Sob o ponto de vista desportivo interessam muito mais do que esta praia, as piscinas construídas especialmente para a prática da natução desportiva. Das dez que referi, duas se destacam pela sua importância: El Lago e La Isla.

As instalações do Lago são vastas e completas, num ambiente agradável e pitoresco que nos deixa maravilhado. O tanque principal, que é descoberto, tem a forma dum L cujo braço maior mede 50 m de extensão por 20 de largo, e o braço menor 35, m35 por 12m. Ao topo do eixo maior, do lado onde vem ligar-se a pista de velocidade fica a torre de saltos, com três plataformas sucessivas; nesse ponto a profundidade é máxima e atinge cinco metros.

Tem cabines para cem pessoas, instalações separadas para as senhoras, solários, restaurante, bar, salas de repouso e, ao ar livre, o indispensável dancing.

A água provém de uma nascente local e é constantemente depurada e aquecida em máquinas especiais, cuja instalação custou cem mil pesetas. O funcionamento pode resumir-se na acção de duas bombas que aspiram noite e dia a água para umas caldeiras, onde

é submetida a desinfecção química, passando em seguida através uns filtros que a lançam novamente na piscina. No espaço de doze horas toda a água da piscina passa pelas máquinas, ficando purificada.

O estabelecimento da Isla, em plena Madrid, aproveitando uma pequena ilha no curso do Manzanares canalizado, cuja água utiliza, é uma perfeição de harmonia e simplicidade na sua arquitectura.

O aspecto geral das instalações é o de um paquete, a prò e a ré correspondem a dois tanques ao ar livre, o castelo central contém a piscina coberta, de 25 m por 12 m; é de uma elegância surpreendente. Dos tanques externos o maior, que mede trinta e três metros por vinte, está reservado aos nadadores de um club que o alugou, enquanto o outro (vinte e cinco metros por doze) é franqueado ao público a preços populares.

É interessante mencionar que todos estes estabelecimentos levam vida próspera, pensando em ampliar as respectivas instalações; a iniciativa criou ambiente no espirito público e todas as piscinas possuem uma frequência assegurada, que compensa gastos iniciais e despesas de manutenção.

Estes exemplos comportam para os lisboetas uma preciosa lição, provando que a construção de uma piscina em local acessível e em condições de fácil frequência, seria um emprego de capital remunerador para quem a êle se abalancasse.

O football lisboeta, massacrado num torneio regional às prestações e interminável, experimentou durante o mês passado duras provas. Os seus melhores agrupamentos clubistas, em competição com provincianos baquearam todos, mesmo os que se deslocaram a pontos do país onde a classe local era tida como de somenos importância. Os grupos seleccionados que constituíram para enfrentar o Porto, Lúria e Santarém, conheceram o amargor da derrota, com excepção única daquele que era formado por jogadores que não pertencem ao distrito e estão jogando indevidamente na área da capital.

Agora todos lamentam a situação, amachucados pelas seis bolas que trouxemos do Norte, mas ninguém pede responsabilidades nos causadores da crise. A nefasta influência dos dirigentes acusa no presente os seus efeitos; oxalá o bom senso conserve à frente dos organismos orientadores pessoas de envergadura e critério bastante elevado para que a moralização do meio permita uma ascensão do valor desportivo. Sem ela, impossível.

O jogo Inglaterra-Austria em foot ball foi o acontecimento maximo no mundo desportivo durante o mez findo. Os profissionais ingleses, os mestres orgulhosos do maneo da bola, que ha um ano infligiram aos espanhóis sensacional derrota, vingando o desaire sofrido



Vista geral da formidissima Piscina da «Vila» que funciona durante o inverno

em 1929 em Madrid, esbarraram na classe e na vontade dos representantes do continente a quem bateram dificilmente por um escasso goal de diferença: 4-5.

O grupo representativo de Albion nunca conseguiu demonstrar aos quarenta mil espectadores presentes a supremacia do foot ball britânico sobre aquele que praticaram os homens da Europa Central. Muitos criticos deixam entender nas suas apreciações que teria sido aceitavel uma vitória austriaca, ou pelo menos o empate. Sem querer ir tão longe, é inegavel que os homens de Hugo Meisl, o prestigioso dirigente do foot-ball austriaco e comprovado amigo dos portugueses, regressaram de Londres com uma derrota que para o seu prestigio valeu mais do que muitas victorias.

Alguns jornais francezes publicaram ha pouco tempo, pondo em relevo o seu significado, numa carta que teria sido escrita pela nadador olimpico japonex Kitamura a seu pai, no dia seguinte ao da sua victoria em Los Angeles.

Esta carta, redigida nos melhores principios de respeito e amor filiais, de idealismo religioso e de fervor patriótico, consultou evidentemente um modelo digno de ser apresentado como exemplo.

O azar foi que essa missiva era obra de

um conhecido jornalista belga que a apresentára, como uma fantasia simbolica, nos dias immediatos nos jogos, nas colunas de um jornal desportivo de Bruxelas. Apoz esta publicação o documento imaginario voltou a aparecer, mezes mais tarde, atribuido oficialmente ao joven nadador de cuja assinatura o jornalista se servira sem procuração.

Sucedem às vezes destas graças, nos colossos da imprensa.

Alguns dos jogos praticados em Portugal, como o rugby, e o foot-ball, são considerados por certa gente como divertimentos brutais, onde os jogadores se expõem constantemente aos mais sérios riscos.

Felizmente as estatísticas de accidentes contradizem este criterio infundado, provando que os praticantes não necessitam fazer testamento antes de entrar em campo.

O caso muda de figura para os apaixonados do foot ball americano, que no nosso paiz é conhecido atravez frequentes apresentações cinematográficas.

Segundo os dados officiaes do relatório que a Federação publicou no final da epoca de 1932, cuja duração foi de tres mezes, o numero de mortos por accidentes de jogo foi 57! Uma bagatela! E ha quem chame a isto desporto!

Salazar Correira.



Um aspecto da praia artificial do Manzanares



Outro aspecto da praia artificial do Manzanares



dá pesca

O meu amigo Lopes fez uma viagem á América. Uma vez em Nova York, o cicerone, levou-o a vêr o mais alto arranha-céus e disse-lhe:

— Repare nesta maravilha arquitetónica. Este edifício tem 52 andares, é construído todo em ferro e cimento e nunca poderá arder.

E o Lopes, coçando o queixo exclamou:

— Que pena!

Num consultório médico:

O médico — A sua doença tem cura, mas é preciso que me obedeça cegamente. Nada de guisados, nada de refogados, a garganta bem agasalhada e dois cigarros por dia, um depois do almoço e outro depois do jantar.

O doente — Farei tudo quanto me diz. Oito dias depois. No mesmo consultório e as mesmas personagens.

O médico — Tem seguido o regímen indicado?

O doente — Tenho sim, senhor doutor, e parece-me que isto vai melhor. Agora o que me tem custado muito é a questão dos cigarros.

O médico — Maldito vício.

O doente — É que eu, senhor doutor, nunca tinha fumado.

— Amas-me?

— Loucamente.

— Então toma lá êstes cem mil réis para o presente do Natal.

— Mas esta nota é falsa!

— E dizias tu que me amavas.

— Não compreendo?

— O verdadeiro amôr é cego.

Num exame:

— Será possível que o senhor não

saiba distinguir as côres? Ora vamos a vêr: de que côr é o seu fato?

— Azul.

— Muito bem... E porque é azul?

— Porque foi a côr de que o mandei tingir a semana passada.

Ao entrar em casa, o Januário dá de cara com a criada que lhe diz, assustadíssima:

— Ai, meu senhor que desgraça...

— Mas o que aconteceu?

— Foi o relógio grande da casa de jantar que caiu ao chão.

— E magoou alguém?

— Não senhor. Felizmente caiu três minutos antes da mãe da senhora se sentar à mesa.

O Januário mal humorado.

— Levem o relógio ao relojoeiro.

— Mas o relógio não se partiu.

— Pois sim, mas adianta-se três minutos.

Um cavalheiro que não tinha um vintem, dizia num grupo de amigos, ao contar uma das suas aventuras:

— Então toquei a campainha e chamei o creado.

— Quem?

— Eu.

— Mas tu não tens creado!

— Bem sei; mas tenho campainha.

Duas amigas passeiam no cemitério:

— Vê, D. Augusta, êste é o meu jazigo.

— Muito bonito, D. Elvira. Deus permita que o gose com muita saúde.

— Como está a tua mulher?

— Há dez anos que não lhe vejo a cara.

— Fugiu?

— Não, pinta-se.

No bar:

— Cavalheiro, esta moeda é falsa.

— Porque diz isso?

— Porque sôa mal.

— Mas você imagina que uma moeda de prata é um violino?

O cúmulo da honradez:

«Encontrar uma bala perdida e devolvê-la ao dono.

— Ai, que miúdo tão engraçado!

Que idade tem?

— Três meses;

— Que lindo! E diga-me uma coisa. É o último que teve?

— Eu nunca menti.

— Mentas.

— Intimo-te a que cites uma mentira minha.

— Ainda há bocado entraste na tabacaria, compraste dois charutos e puzêste cinco escudos em prata em cima do balcão.

— E depois?

— E depois disseste: Cobre.

Perguntaram a um brasileiro:

— Em que se parecem alguns sopranos com um amoladôr?

— Em que os amoladôres cantam quando amolam e os sopranos «amolam» quando cantam...

— Então, tu nunca sabes a hora certa e dizes que tens um relógio de precisão?

— Pois é... Sempre que preciso cem mil réis lá vai o relógio para o prégo.

Escolhendo quarto no hotel:

O hospede — Mas estas almofadas são duríssimas!

O gerente — Pois são de penas.

O hospede — É que naturalmente são de penas de escrever.

No restaurant:

1.º freguês — Rapaz, um bife na grelha.

2.º freguês — Rapaz, um bife na grelha, bem feito.

Criado — (gritando para a cozinha) Dois bifés na grelha sendo um bem feito.

CINEMA

REVISTA DAS ESTREIAS

Não se organizam em Portugal programas de Natal e é pena que assim seja. O cinema não tem o direito de se desinteressar desta quadra tão festiva do ano, em que pela sua própria qualidade de espectáculo a sua função poderia ser grande. E assim como há programas de Semana Santa, de Entrudo, justo seria que houvesse programas de Natal.

Em que consistiriam esses programas de Natal?

O Natal é a festa da Natividade, a festa das crianças, portanto. E a elas deviam ser nesta época destinados os espectáculos que durante o resto do ano lhe são recusados. Seria interessante que durante uma semana o cinema deixasse de ser uma coisa só para pessoas crescidas, um espectáculo profundo em que, regra geral, as crianças bocejam. E que durante esses dias fosse o espectáculo risinho e educativo que à infância convém.

Basta correr com os olhos os programas dos cinemas para nos convenceremos de que isso se não faz. E temos vindo salientando tanto o facto, justamente para pormos em evidência uma excepção, uma honrosa excepção, a que o público não soube corresponder por razões inexplicáveis.

Quando dizíamos que nenhum cinema exibira um programa apropriado à época festiva que atravessámos, omitíamos, propositadamente, um filme «Emílio e os detectives» que o público recebeu sem o interesse de que ele era, sem dúvida, credor.

Qual o motivo dessa falta de interesse? Insuficiência de publicidade? É bem possível. O certo é que o filme correu ante salas pouco cheias, e a sua carreira no cartaz não foi longa.

E contudo, «Emílio e os detectives» é um filme que possui qualidades de sobra para justificar um êxito. O seu entreccho, duma curiosa originalidade, é de molde a interessar grandes e pequenos.

Porque talvez seja pouco conhecido vamos contar resumidamente o seu argumento:

Emílio é um rapaz de poucos anos que habita uma cidade da província e a mãe manda a Berlim a casa da avó confiando-lhe o encargo de levar 140 marcos, o produto das suas penosas economias.

O herói do filme parte a caminho da grande cidade e no comboio trava conhecimento com um desconhecido que lhe oferece um *bon-bom*. Emílio aceita contrafeito, engole-o e dentro em pouco dorme um sono agitado de terríveis pesadelos. Ao acordar em Berlim, nota que lhe roubaram o dinheiro. Mas sai a tempo de ver ainda o desconhecido e de o seguir na esperança de reaver o que lhe pertence. E então que trava conhecimento com outros rapazes da sua idade a quem conta o que lhe sucedeu. Todos prometem ajudá-lo e desde então começa em torno do ladrão a extraordinária perseguição realizada por uma multidão de crianças que espiam todos os seus movimentos e que acabam por entregá-lo a Polícia.

Reconhece-se então tratar-se dum perigoso bandido por cuja captura se oferece a recompensa de 1000 marcos. E de posse dessa importante quantia, Emílio regressa, de avião, à sua terra, onde é recebido por uma multidão delirante que tomou conhecimento dos seus feitos pelos jornais.

Tal é o seu entreccho curioso deste filme que encanta as crianças e seduz os adultos. O desem-



Rouchelle Hudson em a alegria do Ano Novo

penho, quasi todo a cargo de crianças, tem viveza, a melhor qualidade que se lhe poderia exigir. Fritz Rasp no papel de bandido, exagera o seu papel com um admirável sentido de proporções.

A realização é a que convem a um filme deste género. Duma simplicidade enorme, em que só há a destacar as imagens do pesadelo que são uma revivescência dos bons tempos do cinema silencioso alemão.

Exibiu-se também «Estupefacientes» um filme da «Ufa» que iludiu as expectativas de quantos

o aguardavam com interesse e até mesmo as dos exibidores que julgaram ver nele pretexto para um rendoso negócio.

«Estupefacientes» é um filme mediocre, bastante mal interpretado, de argumento absurdo e a que umas quantas imagens de Lisboa não acrescentam o interesse que nunca poderia ter.

O entreccho é uma história rocambolesca de traficantes de morfina, que tem a acção primitiva dum filme de aventuras em séries, no género em que se consagram Polo e outros. Nascimento Fernandes perpassa pelo *écran* num papel insignificante, indigno do seu grande valor. Jean Murat, pior que em qualquer dos seus trabalhos, limita-se quasi somente a praticar umas modestas proezas desportivas.

Do conjunto extrai-se a impressão de que a «Ufa» quis proporcionar aos seus artistas umas férias com viagem pela Europa, e que estes aproveitaram o ensejo para um divertimento sem conseqüências nem responsabilidades.

Referir-nos-emos ainda a «Cabelcreiro de Senhoras», versão cinematográfica duma comédia célebre que Alves da Cunha representou em Lisboa. É uma peça que satiriza os costumes modernos, com justeza e graça. Desta adaptação ao cinema saiu um tanto transformada, mas apesar de tudo com bastantes qualidades.

Fernand Gravey tem o principal papel em que se afasta um tanto da figura criada pelo comediografo. Contudo, representa bem e imprime um humorismo especial a muitas cenas do filme.

«Deliciosa» um filme com Janet Gaynor e Charles Farrel, é um agradável conto de fadas, cujo entreccho não se aprecia porque esquece mal os intérpretes desaparecem do *écran*. A linda «estrela» põe em jogo todos os seus admiráveis recursos num papel que lhe oferece muitas ocasiões de os evidenciar.

Pamplinas deu-nos mais uma obra do seu fértil engenho do grande cómico, «Pamplinas Milionário», que não sendo dos melhores ultimamente estreados é, contudo, uma farça cheia de humorismo, que faz rir com gosto. A salientar há apenas que este filme comporta mais movimento do que é costume encontrarmos nas obras de Buster Keaton.

«Uma rapariga e um milhão», realizado por Max Neufeld, é uma excelente comédia, cheia de imaginação e interesse. Há nele agradáveis números de música e alguns achados felizes. A interpretação, a cargo dum grupo de artistas franceses pouco conhecidos entre nós, merece aplausos pelo grande acerto com que foi por todos realizada.

Como se vê do que deixamos exposto, têm sido abundantes as estreias nos últimos tempos e isso há que atribuí-lo à influência reanimadora do Natal.

Pena é, como dissemos no começo desta crónica, que essa influência não se faça sentir também na composição dos programas.

A PESAR da crise, Hollywood continua a ser a Terra de Promissão dos artistas cinematográficos, o El-Dorado de quantos buscam no écran provelos e glória.

De tempos a tempos, corre a notícia de que mais um artista emigrou para o país dos dólares, para a cidade maravilhosa que vive dos filmes e para os filmes. Tudo quanto a Europa pode revelar de notável, depressa é absorvido pela América, transformado, adaptado aos seus gostos, às suas ideias, e exotizado, depois, sob a forma de longas fitas de celuloide.

Há poucos ainda foram Lillian Harvey e Henry Garay, que trocaram Berlim por Hollywood. O par admirável de tantas operetas encantadoras não soube resistir longamente à pérfida tentação dos dólares. E deixou-se arrebatar, sem custo, nas asas dum mirífico contrato.

Um outro nome se vem juntar à lista já longa dos que partiram em demanda dessas paragens distantes onde o cinema reina como senhor absoluto. É o de Dorothea Wieck, um nome que nada diz, talvez, ao leitor mas que nem por isso deixa de representar a mais extraordinária revelação da cinematografia europeia nos últimos tempos.

Dorothea Wieck é aquela professora inteligente e afectiva, tão admiravelmente expressiva e humana, que vimos em «Raparigas de Uniforme». A sua assombrosa criação neste filme chamou sobre a sua beleza suave o interesse especulativo dos grandes produtores americanos. Logo que o filme foi conhecido que o seu êxito se acentuou de forma inludível, a América começou tecendo em torno dela a sua rede de sedutoras propostas, de magníficos contratos. Dorothea Wieck não soube fugir à sedução. Por isso, em Fevereiro próximo abandonará a Europa e, seguindo a esteira de tantas grandes artistas, partirá para a América.

Que destino lhe estará reservado no cinema americano? Tudo depende das suas possibilidades de adaptação, da maleabilidade do seu espírito. Se a sua personalidade do artista reagir ante a disciplina e a mentalidade norte-americanas, o seu fracasso é certo. Voltará breve à Europa com mais alguns dólares e mais algumas desilusões. Se conseguir adaptar-se, amoldar a sua vontade, a sua inteligência, a sua intuição artística às exigências que o estúdio americano lhe há-de impor, pode, dentro de algum tempo, ser mais uma «estrela» a reluzir na constelação de Hollywood.

Interpretará dez ou vinte professoras de internato, todas afectivas, todas inteligentes, todas cheias de doçura, em argumentos todos semelhantes. A publicidade tomá-la-á a seu cargo. Talvez troque o seu nome, pouco célebre ainda, por outro mais bem soante para ovídios anglo-saxões. O seu retrato cobrirá a capa de mil revistas, o seu nome correrá impresso por todos os jornais. Da sua biografia far-se-á um romance, em que lhe atribuirão estranhas predilecções, gostos exquisitos e raros. A sua beleza mesmo não resistirá a esta absorção. Os técnicos da maquiagem há-de tornar mais fino ainda o arco harmonioso das suas sobrancelhas, dar maior dignidade ao seu olhar compreensivo, criar-lhe um novo penteado—transformá-la numa dessas belezas perfeitas e inhumanas de que o cinema guarda o exclusivo.

É este em geral o destino que Hollywood reserva aos artistas que seduz com o seu ouro. Mas nem assim a miragem deixa de ser tentadora.—M. R.

Emil Ludwig, o grande historiador e filósofo alemão, está preparando o argumento dum filme.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

O «El-Dorado» do Cinema

Esta notícia sensacional, que uma revista francesa nos revela, vai sem dúvida causar surpresa em quantos conhecem e admiram o grande escritor.

Emil Ludwig, conhecido nos nossos meios intelectuais, principalmente, pelos seus admiráveis estudos sobre «Napoleão» e «Bismarck» e, mais recentemente, pelas suas sensacionais entrevistas com Mussolini e Staline, é o autor dum série de três estudos que têm o título «Três titans: Miguel Angelo, Rembrandt e Beethoven». É sobre este último que o célebre escritor prepara agora um argu-



Muriel Evans

mento que terá por fim materialístico no écran a sua reconstituição da vida do músico genial.

Kortner, um dos maiores actores alemães, criará a figura torturada do grande artista. Ludwig pensa tirar originaes efeitos do filme sonoro para reconstituir a tragédia da surdez de Beethoven. Assim, a partir do momento fatal em que a surdez se declara e vem transformar a vida do artista numa cruel agonia, o filme que até então será sonoro torna-se de súbito mudo. É um silêncio idêntico ao que se fez para sempre no cérebro do infeliz músico envolverá as cenas finais do filme.

A maleabilidade do talento criador de Pabst continua sendo submetida a duras provas. Depois do drama brutal da «Tragédia da Mina», realiza agora «Dom Quixote», epopeia burlesca dum género bastante diverso. E logo que este

filme esteja terminado, iniciará a realização de «Bolas de Sabão», uma comédia ligeira que mais se afasta ainda do seu estilo vigoroso e realista.

Anuncia-se que Emil Gemings e Conrad Veidt vão aparecer juntos num filme da empresa «Gaumont British».

«Raparigas de Uniforme», continua a sua carreira triunfal através dos cinemas de todo o Mundo. Exibe-se agora em Hollywood onde está obtendo um enorme êxito.

Jacques Feyder, depois de alguns anos de actividade inglória em Hollywood, vai regressar à Europa. Parece que dirigirá a realização dum filme por conta dum empresa alemã.

O caso de Jacques Feyder é um dos mais típicos exemplos do muito que se têm dito sobre os processos americanos. Tendo partido da Europa em

pleno êxito, nunca chegou a aclimatar-se no ambiente de Hollywood, onde a sua produção foi sempre medíocre. Oxalá com o seu regresso à Europa consiga recuperar aquêlo estilo que o evidenciou como um dos maiores criadores cinematográficos.

Walt Disney, o grande criador de Mickey, o rato, estuda actualmente a realização dum filme baseado nos famosos contos maravilhosos «Alice in Wonderland». Alice será o único personagem de carne e osso da película e o reino das maravilhas será formado pelos desenhos animados.

Parece terem solução as dificuldades do casal Adolphe Menjou-Kathrin Carvel. Assim fica «sine die» o divórcio que todos julgavam eminente.

O lugar da técnica na cinematografia é, dia a dia, mais importante. Nenhuma outra arte depende dum modo tão directo e tão considerável da ciência nas suas mais diversas aplicações.

Em consequência, o laboratório reveste progressivamente uma importância maior no estúdio. E a todo o momento nêle são introduzidos novos melhoramentos que vêm tornar mais rápidas ou mais perfectas as complexas operações a que é submetido o filme.

Uma das mais modernas conquistas da técnica cinematográfica é a película super-sensível. A sua aplicação não foi ainda realizada dum modo efectivo. No dia, sem dúvida próximo, em que lhe fôr dada uma intensa aplicação prática a arte cinematográfica disporá de um número bastante maior de recursos.

A película a que nos estamos referindo é coberta duma emulsão cujo poder de sensibilização excede em muito o da película normal. É possível com ela fotografar interiores mal iluminados e basta a luz dum fósforo para a impressionar. Fácil se torna concluir daqui os muitos casos em que a sua aplicação torna possível a realização de fotografias que de outro modo estariam vedadas ao operador cinematográfico. Uma das conquistas da ciência

CINEMA

A ARTE E A MÁQUINA

célula foto-electrica. Mas no laboratório as suas aplicações são mais numerosas.

Assim, por exemplo, é uma célula foto-electrica que regula a intensidade da luz a empregar na tiragem de cópias dos filmes. Como se sabe, os negativos nunca apresentam uma igualdade rigorosa de luz. Realizados em condições muito diversas, ora são luminosos em demasia, ora sofrem duma falta de claridade. Na tiragem das cópias positivas estas desigualdades são compensadas por uma iluminação mais ou menos intensa do filme. Antigamente essa intensidade era regulada pela observação dos técnicos e sujeita, portanto, a erros. Hoje um engenhoso dispositivo, em que

sais de prata pela acção [da luz. O aproveitamento dessa prata constitui um dos muitos aspectos pitorescos da actividade dum grande laboratório. Os banhos que serviram à revelação de películas e os restos de filme inutilizado são submetidos a operações químicas destinadas a recuperar a prata. Grandes quantidades dêsse metal são assim aproveitadas e restituídas à circulação dando entrada na Casa da Moeda. Na América, onde êsse aproveitamento se faz em grande escala, uma vulgar moeda de prata pode talvez ter feito parte duma cena de qualquer filme célebre, o que não deixa de se prestar a curiosas reflexões.

Os muitos aperfeiçoamentos introduzidos nos grandes laboratórios, permitem, além duma grande regularidade nos resultados, uma enorme rapidez na execução de todas as operações necessárias. Uma única máquina, que é na realidade a combinação de muitas, realiza todas essas operações num curto espaço de tempo. A película impressionada é recebida por um lado e restituída por outro sob a forma duma cópia positiva. Dêste modo, as cenas filmadas no estúdio durante um dia, podem ser exibidas no dia seguinte de manhã ante o realizador e os actores a fim de ser recommença a se êstes assim o entenderem.

É desta dependência directa entre a cinematografia e a ciência nas suas diversas aplicações que provém a repugnância de muitos em reconhecer ao cinema foros de Arte. E daí a dúvida que se formula na seguinte pergunta:

¿Subsistirá ainda o princípio artístico, elemento imponderável e subtil, na projecção duma cena ou duma peça de música transformada em oscilações luminosas, filtrada através de aparelhos complicados, sujeita a tratamentos químicos? Em nossa opinião, os princípios eternos da beleza revivem através do cinema enriquecidos com meios de expressão e sugestão que nenhuma outra arte, estática ou dinâmica, jamais possuiu. E o erro dos que se recusam a reconhecer isso, consiste em querer adaptar os antigos conceitos estéticos à arte moderna do cinema, produto da nossa civilização e nela integrado como nenhuma outra arte.

Esta incompreensão da máquina é, de resto, o grande problema estético do nosso tempo. A electricidade e a mecânica não entraram ainda tão profundamente na mentalidade da nossa época que a análise dos seus efeitos possa ser realizada com serenidade. Daí a confusão dos que consideram a máquina inartística e dos que, baseados nesse princípio falso, contestam o valor artístico da projecção cinematográfica.

Nas linhas que ficam escritas pretendemos revelar alguns dos aspectos pitorescos dum grande laboratório. Em cada uma dessas fábricas gigantes, quilómetros e quilómetros de película são revelados, fixados e multiplicados em cópias que vão correr todo o Mundo. Escôa-se por elas toda a produção industrial imposta à humanidade. São máquinas reduzidas à sua expressão natural de fabricar em grande escala e com perfeição.

Mas também por elas perpassam, uma vez ou outra, como que envergonhados, algumas obras vibrantes de audácia, de fé, de entusiasmo. São raras, é certo. Surgem como que isolados entre o espanto de uns e a indiferença de outros. Pouco a pouco a curva da sua evolução vai-se delinçando melhor. Para quasi todas há um prémio — o insucesso de bilheteira.

São justamente essas que nos dão a certeza firme de que o cinema pode ser uma arte.



Marta Sleeper

moderna que maior numero de aplicações encontra no laboratório cinematográfico é a célula foto-electrica.

Estas células são formadas por diversos elementos que possuem a surpreendente propriedade de se tornarem bons condutores da electricidade quando iluminados, interrompendo a passagem da corrente quando estejam ao abrigo da luz.

É sabida a aplicação que lhes é dada na máquina de projecção sonora.

São elas que fazem variar a passagem da corrente que se dirige para as lâmpadas amplificadoras e daí para os alto falantes. Essa modelação da corrente electrica, que os alto-falantes transformam em som, é feita pela passagem do filme em cuja margem há uma fotografia que regula a intensidade da luz que ha-de incidir sobre a

a célula foto-electrica ocupa o lugar principal, faz variar a iluminação, de tal modo que a cópia obtida tem sempre uma fotografia regular em que não ha cenas escuras nem demasiado claras. Isto é particularmente importante nas operações que se relacionam com a margem sonora visto que qualquer alteração na fotografia, ainda que ligeira, representa uma distorsão do som de pes-simos efeitos.

A química tem dentro destes laboratórios um papel de altíssima importância. Os banhos de revelação e fixação são objecto de rigorosos estudos visto que o mais pequeno erro na sua composição pode ir inutilizar um longo trabalho da preciosa actividade do estúdio. A temperatura da água, a sua composição em minerais e muitas outras particularidades, não são também insignificantes quando tem em vista obter resultados dum absoluto rigor.

A base da fotografia é, ainda hoje como quando da sua invenção, o ennegrecimento dos

Nos Salões

Na elegante residência da sr.^a D. Maria do Carmo Contreiras Machado, à Rua Vasco da Gama, realizou-se um interessante festa para solenizar o aniversário natalício de sua gentil filha, a qual decorreu muito animada.

Durante a tarde os lindos salões estiveram sempre repletos de pessoas da nossa primeira sociedade, predominando as crianças, às quais foram oferecidos brinquedos, tirados de uma linda árvore pelo tradicional Pai Natal.

A sr.^a D. Maria do Carmo Contreiras Machado foi de uma gentileza cativante para com os seus convidados.

Casamentos

Na paroquial igreja do Espírito Santo, sendo celebrante o rev. Manuel da Cruz Casôlo, realizou-se o casamento da sr.^a D. Luísa Vieira Ferreira Pinto, gentil filha da sr.^a D. Adelina Vieira Ferreira Pinto e do sr. dr. Eusébio Belo Ferreira Pinto, com o sr. dr. João Augusto Garcia, filho da sr.^a D. Apolinária da Conceição Garcia e do sr. João Garcia Augusto.

Serviram de madrinhas por parte da noiva, as sr.^{as} D. Laura Augusta Garcia e D. Matilde Belo Ferreira Pinto, e de padrinhos do noivo, os srs. dr. Carlos Bento Pestana e Adelino Diniz Vieira.

Durante a cerimonia religiosa foi executado no órgão, a marcha nupcial.

Depois do casamento houve um «lunche» em casa dos pais da noiva.

— Na paroquial igreja de Santa Isabel realizou-se o casamento da sr.^a D. Ernestina Matilde Amaral, gentil filha da sr.^a D. Maria Dias Amaral e do sr. Joaquim Amaral, já falecido, com o sr. Eduardo Costa, filho da sr.^a D. Laura Rodrigues Costa e do sr. Frederico Costa.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria dos Anjos Ferreira de Sousa e D. Maria do Carmo França e de padrinhos os srs. Filipe Esteves Rodrigues e Artur Martins.

Finda a cerimonia religiosa foi servido um «lunche» em casa da madrinha da noiva.

— Na capela da Nossa Senhora das Dôres, na Rua do Patrocínio, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Sacadura de Castro e Almeida, interessante filha da sr.^a D. Maria Emilia Sacadura Mascarenhas de Castro e Almeida e do sr. Conselheiro Aires de Castro e Almeida, com o sr. dr. Miguel de Sá da Bandeira, filho da sr.^a D. Maria Eugénia Pereira de Sá da Bandeira e do sr. Alberto de Sá da Bandeira, já falecido.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais e do noivo, sua mãe e o sr. dr. Bustorff Silva.

Depois da missa o rev. cônego Álvaro Santos, prior de Santa Isabel, fez aos noivos uma brilhante alocução, seguindo-se um «lunche» em casa dos pais da noiva.

Os noivos partiram para a Madeira, em viagem de núpcias.

— Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Lima de Sousa Galapito, gentil filha da sr.^a D. Rita de Lima Galapito e do sr. Percópio Augusto Galapito, com o sr. Carlos Machado Morais e Sousa, filho da sr.^a D. Elisa de Sousa e do sr. António Cândido Machado Morais e Sousa, tendo servido de padrinhos da noiva a sr.^a D. Judit Lima de Albuquerque e António Ferreira Lima, e de padrinho do noivo, seus pais.

Finda a cerimonia religiosa, durante a qual o rev. prior da freguesia fez aos noivos uma brilhante alocução. Foi servido um «lunche» em



Os noivos — Sr.^a D. Luísa Viena Ferreira Pinto e sr. dr. João Augusto Garcia — saindo da igreja do Espírito Santo, após o seu casamento

VIDA ELEGANTE

casa dos tios da noiva, seguindo depois os noivos em viagem de núpcias pelo norte.

— Na paroquial igreja de S. José realizou-se o casamento da sr.^a D. Albertina Coelho de Albuquerque, gentil filha da sr.^a D. Teolinda do Nascimento de Albuquerque e do sr. Manuel Coelho de Albuquerque, com o sr. dr. Leonel Brandão.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua irmã, a sr.^a D. Elisa Coelho Alves de Albuquerque e seu marido, sr. Arnaldo Alves Coelho, e por parte do noivo, sua tia, a sr.^a D. Margarida Brândão Vilela e o engenheiro sr. dr. José Manuel Marques da Costa.

Depois de cerimonia religiosa, que teve um carácter muito íntimo, foi servido um almoço em casa da família da noiva, seguindo depois os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial igreja de Santa Isabel realizou-se o casamento da sr.^a D. Rosália Emilia Cardona Salgueiro Pires filha da sr.^a D. Ana Emilia Salgueiro Pires e do sr. José Júlio Pires, com o sr. Raul Baptista Pereira, filho da sr.^a D. Júlia Seabra de Baptista Pereira e do sr. Eduardo Baptista Pereira, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, a sr.^a D. Marcelana Almerinda Pinto Guedes da Cruz Salgueiro e o sr. Adelino Augusto Salgueiro, e por parte do noivo, seus pais.

Foi celebrante o rev. prior da freguesia, que

no fim da cerimonia fez uma brilhante alocução aos noivos, realizando-se depois um fino lanche da «Versailles» em casa dos pais do noivo.

— Na paroquial igreja de S. Pedro em Alcântara, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Júlia Pereira do Carmo Ricardo, filha da sr.^a D. Milia Ferreira Pereira do Carmo Ricardo e do sr. João Norberto Ricardo, com o sr. dr. Carlos Marques, filho da sr.^a D. Maria da Trindade Pereira Marques e do sr. Manuel Marques.

Serviram de padrinhos da noiva a sr.^a D. Júlia Rosa dos Santos Pereira do Carmo e o sr. João Norberto Ricardo, respectivamente avó e pai da noiva, e do noivo o sr. Joaquim Nunes da Silva e sua esposa

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Ana Maria Rodrigues com o sr. Luis dos Reis Pôrto, tendo servido de padrinhos por parte da noiva o sr. Gastão Rodrigues e sua esposa, a sr.^a D. Ermelinda Rodrigues, e por parte do noivo o sr. Armando Monte Pupo e sua esposa a sr.^a D. Maria Candida Pupo.

— Na igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Ana Camões de Sousa Relvas, filha da sr.^a D. Maria Ana de Sousa Relvas e do sr. Caetano Matias Relvas, com o sr. dr. Manuel Macedo Rosa Portilheiro, filho da sr.^a D. Maria Eugénia Macedo Rosa Portilheiro e do sr. dr. Joaquim Lopes Portilheiro Júnior.

Serviram de madrinhas, as sr.^{as} D. Maria Andrade Teixeira Rua e D. Helena Antonia de Albuquerque de Azevedo Coutinho de Macedo, e de padrinhos, os srs. dr. Antonio Biscal de Macedo e o pai do noivo.

Presidiu ao acto o rev. prior da freguesia, Padre Antonio de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma alocução aos noivos.

Batisados

Realizou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira o batizado duma filha da sr.^a D. Aline Gusmão do Amaral Beleza de Miranda, esposa do sr. D. Jorge Silva de Cássia e Menezes Castro Oliveira Beleza de Miranda.

A neóita recebeu o nome de Maria Manuela.

Foram padrinhos a sr.^a D. Valentina de Gusmão do Amaral e o sr. dr. Florindo Beleza de Miranda.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Margarida Correia da Costa, esposa do sr. dr. Filipe da Costa.

Mãe e filha estão felizmente bem.

— Deu à luz uma robusta criança do sexo feminino, a sr.^a D. Margarida do Carmo Melo, esposa do sr. João da Silva Melo.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Carlos de Vasconcelos e Sá

No Hospital Escolar de Santa Marta, foi operado pelo ilustre professor sr. dr. Francisco Gentil, coadjuvado pelos distintos cirurgiões srs. drs. Rui de Lacerda e Filipe da Costa, o nosso querido camarada Carlos de Vasconcelos e Sá. Assistiu também à operação o médico assistente do nosso colega, o conhecido e hábil cirurgião do sr. dr. Armando de Bastos.

A operação decorreu optimamente, encontrando-se o doente em via de restabelecimento.

Ao hospital de Santa Marta teem ido muitas pessoas da nossa sociedade saber do estado do operado. Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

RAROS são os habitantes indolentes ou apressados de Lisboa, que procuram a volúpia azul e abstracta do céu, com seus olhos inquietos, e queiram sentir o complicado, o curioso xadrez da cidade vista do alto, em mutações bruscas de caleidoscópico. Como em Paris se buscam

a colina do Sacré Cœur ou a Torre Eiffel, para noivar com o horizonte a infinita grandeza dos longes baços e imprecisos, assim em Lisboa, última cidade do ocidente e fim da Europa, apenas os estrangeiros de passagem e os viajantes forçados do elevador, passeiam a retina sobre o espetáculo maravilhoso da velha cidade das descobertas e das naus, junto a um rio docil e fiel.

Não conheço nenhuma cidade da península que tenha um mais central e um mais maravilhoso lugar de «rendez-vous», do que nesse taboleiro último do elevador, obra também de Eiffel, esse génio de engenharia, onde o ferro se transfigura e cria alma e agride depois o céu com os gestos anciosos de seus vigamentos, que tentam as alturas, e procuram a volúpia anciosa das altitudes. Eiffel que Bourdelle interpretou num busto admirável escondido junto a um pilar da torre, em Paris, deixou em Portugal duas obras notáveis de engenharia, duas obras onde o génio humano é uma certeza embriagadora, a ponte sob o Douro e o elevador de Santa Justa. Assim êle adivinhou, como num prenúncio perturbador, o século da aviação e da telegrafia sem fios, o século em que o homem domina as alturas e se acostuma, dia a dia, a violar todos os seus segredos, e deixou nessas obras maravilhosas algumas centenas de séculos depois dos obeliscos egípcios, como a coluna de Luqsor, a mesma inquieta rima das alturas.

Vista do alto do elevador de Santa Justa, Lisboa é um feérico jardim suspenso de telhados e de janelas floridas. À esquerda, a cidade, alonga-se como um corpo adormecido ao sol, pela Avenida da Liberdade acima, até à cabeleira verde do parque Eduardo VII. Sob as colinas o casario amontoado, parece agasalhar-se ao sol, num gesto cigano de corpos que se juntam, que amimam a sua ternura doce. Em frente a vista namora o traço das ruas pombalinas, a serpente intérmina e microscópica da multidão, que os minutos vão contando ou diminuindo, pouco a pouco. À direita o panorama fixa-se todo no crômo, na tentação abstracta do Tejo, solteiro de navios, onde apenas os barcos vogam de velas ao vento, como brinquedos num lago de infância. O Castelo de S. Jorge, como uma cidadela heróica, e a Sé, tem a sua perspectiva no cenário em volta. Esfumam-se ao longe as serranias agasalhadas em bruma e azul, tocando o céu, em gestos sonolentos. Quando as horas porentinas adormecem sobre esses montes, ao longe a cidade noiva com o crepúsculo, funde-se com êle, adormece na sua câmara em violeta e escarlata, para não vêr o suicídio ensangüentado do sol.

O Terreiro do Paço, essa maravilha

MEDITAÇÕES

SOBRE

O ELEVADOR DE SANTA JUSTA

de arquitectura — curioso exemplo do «barôco» português do século XVIII — numa rara harmonia de linhas, é o átrio da cidade onde o Tejo vem em carícias de ondas, prestar-lhe a sua vassalagem de sempre, e trazer-lhe saúdaes do mar.

À retaguarda, enfim, as ruínas sagradas do Carmo, onde Nuno Alvares viveu e morreu depois numa transfiguração di-



vina, e onde o seu corpo dorme ainda como um ex-voto da raça, como uma relíquia sagrada da Grei.

A alma das pedras onde o tempo se demorou, adoçando-lhe as arestas, vestindo-as com a lenta carícia da «patine», toca nas suas ogivas desmanteladas, o azul cobaltino do céu.

Na visinhança do mirante, êsse templo gótico parece criar mais alma ainda, envaidecendo-se com a irmandade do elevador, êsse ex-voto de ferro que desafia o tempo.

Assim, a pedra trabalhada por mãos longíquas e distantes, mãos já mortas no pergaminho velho do tempo, rima a sua proximidade, a sua visinhança encantada, com a mocidade gritante, com a heróica resistência do ferro, que o génio de Eiffel dominou, venceu nos seus caprichos de criador, dotando a cidade com essa sentinela vigilante, com essa sentinela altiva e heróica do

seculo xx, onde os olhos anciosos se perdem, se abandonam, no tumulto infrêne da «cidade tentacular», segundo a síntese gritante de Verhaeren, o poeta que cantou as cidades ruidosas.

Vista do alto a tôdas as luzes e a tôdas as transfigurações do dia, a cidade é um caleidoscópico cinzento de prédios e telhados, onde se recorta mais nitidamente, o equilíbrio da Baixa pombalina, que a acção pouco inteligente de alguns reconstructores e modificadores, criminosamente inutilizou, no seu conjunto tão rectilíneo e harmonioso.

Assim Lisboa foi das primeiras cidades do mundo no século XVIII, que teve uma praça como o Terreiro do Paço e um traçado de ruas com o equilíbrio e a perfeição da Baixa e do Rossio, hoje também horripelmente mutilado. A Alfama e a Mouraria, são hoje com o Bairro Alto, os recantos da capital em que o passado deixou intactamente algumas das suas melhores saúdaes. E a memória evoca, como num misterioso écran, a Lisboa da Conquista, a Lisboa medieval, a cidade que em plena Renascença foi um dos maiores e mais atraentes portos de mar de todo o mundo europeu.

A cidade das náus e dos mareantes, a urbe tentacular de seiscentos, finda na vertigem instantânea do terramoto que tudo levou na sua derrota, palácios, obras de arte, tapeçarias, painéis, livrarias, preciosidades sem nome.

É pelas gravuras da época que se adivinha, que se ausculta a grandeza de Lisboa e o seu belo aparato arquitectónico, o seu desaparecido cenário de então.

Depois de Pombal, Lisboa foi uma cidade que renasceu, que das próprias ruínas se transformou numa das mais características e vastas cidades da península e da Europa. O raio de visão do Elevador não atinge, como da Graça ou de avião, as colinas extáticas e hirtas sobre o xadrez da cidade em declive, onde os pombos, como nas cidades italianas, riscam com as suas asas cinzentas, espirais indolentes, em vôos caprichosos. É ao crepúsculo, sobretudo, que a memória galga as idades e rememora a partida das náus, o embarque para Alcácer-Quibir, os bergantins reais, o Tejo cheio de flâmulas e galhardetes — e as náus esbeltas e desdenhosas como harpas. As cores morrentes agasalham-se, acariciam o corpo gigantesco e fatigado da cidade.

A tarde veste o pijama azul da noite, para o seu longo e misterioso sono. O luar é uma Rêverie de Schumann, derramando sobre a cidade adormecida a música encantada e silenciosa do seu esbranquiçado sortilégio. Os olhos muita vez cançam de ver a cidade, de a olhar, tão longamente, como num êxtase, porque Lisboa é das mais belas, das mais feéricas lembranças que se podem fixar no album da memória.

Correia da Costa.

COMEÇA um novo ano, que é sempre uma esperança e, ao mesmo tempo um terror. Que nos trará êle? É a pergunta que todos fazem. Esperemos que nos traga, senão, a felicidade ideal, que não existe, pelo menos tranqüilidade, e, uma maior facilidade de vida, havendo trabalho e pão para todos, diminuindo o sofrimento geral que martirisa a humanidade e de que nós, ainda somos os que menos sofrem, e que é produzida pela crise financeira e econômica, que tem esmagado até os mais ricos e prósperos países.

Que distrações novas nos trará o Novo Ano? O que nos deixa fez resurgir o pobre "yo-yo", êsse jôgo inepto, das sociedades em decadência. Êsse jôgo a que Goethe se referiu num poema, que entreteve os primeiros anos do pobre delfim Luis, que devia ser na história Luis XVII e que foi uma das mais infelizes crianças, que a maldade humana tem martirisado. Êsse brinquedo a que se chamou a "emigrette" e que tanto distraiu os espiritos atribulados, daqueles a quem o Terror tinha abalado o cérebro que lhes não permitia distrações intelectuais. O "yo-yo" é um triste prenúncio. É um jôgo de uma infantilidade absoluta, sem interesse de espécie alguma e que foi adoptado, acarinhado pela gente de todos os países, de tôdas as idades, de tôdas as profissões. Eu vi nas ruas de Londres, pequenos levando um "yo-yo" em cada mão,

fazendo simultaneamente no passeio que percorriam "the little dog" a habilidade máxima do "yo-yo", vi raparigas que se dirigiam com passo rápido para os seus empregos, fazendo "yo-yo", para adquirir prática, e sujeitos de uma idade respeitável, que nas paragens dos "buses" faziam "yo-yo" com o ar mais solene e mais grave que se pode exigir a um "gentleman" da maior respeitabilidade. Entre nós espalhou-se logo o "yo-yo" que começou no elegante Estoril a sua triunfal lavasão. Escritoras de merecido talento, homens graves não desdenharam lançar o "yo-yo" que hoje em Lisboa e por todo o Portugal está no auge do seu triunfo. Desde a algibeira rôta do "ardina" vendedor de jornais até às mais elegantes carteiras das senhoras da aristocracia, possuem um "yo-yo". Há uma verdadeira democracia no "yo-yo", todos o fazem e há o tóscio "yo-yo" e o elegante; o "yo-yo" em ouro, num gracioso estôjo, o "yo-yo" em onix com pedras preciosas, mas o jôgo é sempre o mesmo, e desde o garoto da rua, à mais elegante senhora, ao mais respeitável cavalheiro, todos fazem o mais simples sorriso, cheio de beatitude e com a expressão da maior ausência de idéias, ao vêr os discos de madeira subir pelo cordelinho. E não são apenas as ruas de Londres que nos mostram uma sociedade inteira, de "yo-yo"



VIDA FEMININA

em punho. Lisboa não fica atrás das cidades civilizadas, já vi graciosas raparigas descendo o Chiado fazendo "yo-yo", e, uma senhora na varanda de um segundo andar ajustando um formoso pargo à varina descalça, com o seu "yo-yo" na mão: "Três escudos fregueza", e o "yo-yo" esperançado subia suavemente o cordão. "Nada menos de sete freguesinha". "Isso é demais" e o "yo-yo" irritado subia em estremeções rapidamente, furioso da exigência da varina, que não permitiria à sua graciosa dona o saborear o gostoso peixe. Enfim, o ano de 1932 instalou no mundo o "yo-yo". É a sua herança que nos fica. O que nos trará 1933? Desejamos qualquer coisa de menos infantil que nos faça supôr que a inteligência humana existe e que não vivemos numa sociedade que caiu na infantilidade.

Maria de Eça.

Luisa de La Vallière

ENTRE as formosas convertidas, avulta Luisa de la Vallière, a loira e terna amiga de Luiz XIV. A duquesa de la Vallière não tinha o temperamento frívolo, nem o cérebro de uma cortezã, nem como a sua rival, madame de Montespan, o espirito de uma aventureira. Amou o grande rei, com um amor profundo e desinteressado e se dedicou o seu amor a quem o não merecia, nem por isso o seu sentimento era menos nobre e sincero. Ela foi enganada ou, antes enganou se. Inteligente, fazia do amor a concepção, que fazem as almas nobres. Os acentos profundos, que se encontram nas suas «Reflexões sôbre a Misericórdia». Não são as de uma pecadora imersa no remorso. Testemunham uma alma, que o amor tinha convulsionado, mas um espirito equilibrado. Todos os seus biógrafos fazem valer o caracter literário da obra daquela, que foi denominada a «Maria Madalena» francesa. Estas «Reflexões» de uma convertida, produzem a mesma emoção que as de Pascal. A existência conventual de «sôror» Luisa da Misericórdia, é a de uma religiosa, entre muitas outras, mas destaca se do grupo porque possui uma mais justa noção dos valores humanos. A-pesar de tudo a sua vida conventual é rodeada pelos rumores da época naqueles tempos, os ecos das intrigas da côrte chegavam rapidamente ao conven-

to das Carmelitas do bairro «Saint Jacques». Dali partiam muitas cartas dirigidas a damas da côrte, que tinham vindo chorar por detrás da grade. os rancores e as suas dores. Se a favorita de Luis XIV sofria mais do que qualquer outra das sombras, que denunciavam o esplendor do rei sol, confortava-se com a boa amizade com as luminárias da época. Bossuet e Bourdaloue, eram seus conselheiros. De Grenoble e de Belmont eram seus amigos. Mesmo despida do manto da côrte e vestida do burel monacal, Luisa de la Vallière, era uma mulher sincera e de espirito. Possuía aquela qualidade que a fundadora do convento do Carmo, desejava acima de tudo nas suas religiosas, a inteligência.

Higiene e beleza

A beleza das mãos é um dos grandes cuidados das mulheres e é bem compreensível, porque uma mão bonita, bem tratada e bem cuidada, dá sempre a uma senhora um aspecto de grande distinção e elegância. É preciso para o conseguir ter muitos cuidados. Devem lavar-se as mãos em água morna, nunca com sabonetes ordinários, para branquear as mãos deve empregar-se as pasta de amendoas que se pode fazer mesmo em casa com a seguinte receita:

Amêndoas doces e amargas, 150 gramas; Sumo de limão, 50 gramas; Leite, 30 gramas; Oleo de amendoas doces, 90 gramas; Alcool, 150 gramas; Esmagam-se as amendoas num almofariz e juntam-se-lhe em seguida os outros ingredientes até a pasta estar consistente. Aplica-se à noite e deixa-se ficar calçando umas luvas velhas. Em pouco tempo do seu emprego tem-se as mãos brancas, macias e assetinadas de uma grande beleza.

De mulher para mulher

Mary: Não acho, minha senhora que tivesse procedido bem, fazendo o que fez. Não só se colocou muito mal aos olhos dele, como também lhe será difficil justificar-se perante os seus. Há coisas que uma menina da sua idade nunca deve fazer. E daqui em diante não tome resoluções, sem se aconselhar com sua mãe ou com uma amiga, mais velha e sensata. No entanto não é caso para tão violento desgosto, foi uma leviandade.

Mãe Feliz: Tem razão nada há como o branco para as crianças em malha de lã o vestidinho e o casaco em lã dos Pirineus, faça-lhe um vestidinho em «crêpe de chine» para uma «matinée» ou qualquer festa.

Jooial: Digo-lhe o que tenho constantemente dito a tôdas. Não pinte o cabelo de loiro. «Dame Nature» sabe melhor do que nós o que faz. Nada mais feio do que uma morena pintada de loiro.

Mãe cuidadosa: De momento que tem em casa aquecimento central, deve até trazer a sua filhinha com um vestido leve. Para a rua abafe-a bem e é preciso ter



Cuidado quando a leva a casas, que não são aquecidas. Não lhe ponha nada, a graça das crianças está na naturalidade e na simplicidade.

Receitas de cozinha

Para uma família pequena não vale a pena em dia de festa matar e cozinhar um peru, que fica dias e dias a complicar os «Menus» da dona da casa e acaba por se tornar enjoativo. É preferível escolher uma boa galinha e fazê-la da seguinte maneira:

Galinha trufada. — Mata-se e arranja-se uma boa galinha bem gorda. Enche-se o papo com trufas que tenham estado de molho, por algum tempo, em muito bom vinho do Porto. Faz-se assar na grelha, sobre fogareiro, pelo espaço de uma hora regando-a continuamente de muito boa manteiga derretida e no fim com um bom copo de «consommé» a ferver. Quando a galinha está bem assada e bem loira, põe-se na travessa rodeada de puré de batata e substitui com grande vantagem o peru.

Modas

VARIANDO sempre, a moda varia a vida, e torna-se cada vez mais, a soberana do mundo feminino. A variedade é sempre um encanto para a mulher e, sobretudo, a variedade que exige novos ornamentos para a beleza da mulher, que tudo que a pode tornar outra, encanta e seduz. Onde se nota mais a modificação da moda, é nos abafos de noite. Dos casacos de pele compridas, passámos aos pequenos casacos em veludo, em seda e em pele. Agora este ano aparecem os grandes casacos em veludo, que cobrem por completo os vestidos moldando ao corpo esbelto que a moda alterou com felicidade, fazendo com que as formas delicadas voltem a ser admiradas pela elegância do corte que se adapta à verdadeira forma do corpo da mulher, que assim ganha em elegância. Damos hoje três lindos modelos de casacos modernos para a noite. Um deles, modelo de Redfern, é em veludo cinzento muito claro, enfeitado a pele de Marta, uma combinação de cores da maior distinção.

Nele vemos substituída a grande gola de peles dos anos passados, por uma romeira atada na frente e «drapé» em volta do pescoço, toda guarnecida com uma tira de Marta. A pequena gola é favorável ao penteado moderno porque não danifica os caracóis. As mangas são muito largas. Do cotovelo para baixo têm a sua linha acentuada por tiras de pele de Marta. O outro é um modelo de Maggy Rouff, chamado Tintoretto e suntuoso como os trajes das pinturas do grande mestre veneziano. É feito em rico veludo côr de gerânio, não tão comprido como o vestido, e, com mangas Renascença, imensas, nas quais tiras de Marta, alternam com tiras de veludo franzido. As tiras são na realidade de pele enrolada em volta da manga. As tiras de pele são forradas de veludo vermelho; a tira do meio forma, nas costas, uma capa. Tem

uma pequena gola de forma Médicis, apertada na frente.

O terceiro modelo é da elegantíssima Madame Mormser, e é um esplêndido abafio que pode ser executado em vários tecidos. Um dos tecidos escolhidos pode ser o lamé de ouro. O modelo que apresentamos é em veludo de Lyon preto, com a gola em pele.

O que marca neste abafio, são as mangas chamadas mangas de bispo. São recolhidas num punho em pregueado, pregueado que se repete nos ombros. Em vez de ser cosida na cava, a manga vai até ao pescoço, formando uma «epaulette». Qualquer destes modelos são de uma altíssima elegância e de grande luxo, a par de um modernismo de requintado bom gosto.

Todos modelos de casas elegantíssimas, que autenticam a graciosidade das crianças que se apresentam com requinte.

A vida

FRANC Nohain escreveu um livro sobre a arte de viver. «Escrevo esta arte de viver aos cincoenta anos. Haverá quem ache que a empresa é um pouco tardia, mas a vida é uma arte, que nada tem que ver com os meninos precoces».

O auctor depois de Horácio, depois de Seneca e de tantos outros, fala da brevidade da vida. «Assim como muitas vezes misturamos os fosforos queimados, com os novos, assim ignoramos até ao último momento, se ainda temos fosforos para queimar e quantos. A caixa quando agitamos o conteúdo, dá sempre o mesmo som, e à noite quando menos se espera, todos são servidos, e, fica-se às escuras». No seu desejo de estilizar com elegância uma vida perfeitamente harmoniosa, Franc Nohain, fala do casamento feliz em termos requintados e nega as dissonancias. «Não existe para ele o amor se não entre pessoas equilibradas completamente. Isso é a coisa mais simples, mais natural, mais normal do mundo Fazer o caminho juntos, subir a colina, depois desce-la procurando preservar-se um ao outro das covas, da

lama, das pedras e quando se está cansado apoiar-se mutuamente um no outro. Está é a verdadeira marcha nupcial, a mais bela, a mais comovente, que não se acompanha, ao som dos grandes órgãos, o seu ritmo está nos nossos corações. Mas o mais belo, o mais optimista dos poemas é sempre emoldurado de negro. E então para que a embriaguez alada de um sonho harmonioso e leve se a libelula no fim queima as azas? Porque — acrescenta o filósofo optimista — há Deus! A arte de viver — conclui — é ter vivido de uma maneira tal, que se possa pensar em nós mesmos, gentil e afectuosamente e que passamos ter saudades do que fomos.

As crianças

HÁ uma idade em que é muito difícil vestir as crianças principalmente os rapazes. Não são já bebês, o traje muito infantil já não lhes fica bem. Não são ainda homens e ficariam extremamente ridículos se os vestissem de homem. Há nas mães uma verdadeira hesitação, sem saber o que hão-de escolher, para os seus filhinhos. Damos hoje um simples e simpático modelo para rapazinho. Sobretudo é boné em «Tweed» castanho, sapatos em cabedal castanho e meias em grossa lã escocesa. Não é uma maneira muito original de vestir um pequeno, mas é ainda a mais simpática, porque o traje à maruja está de tal maneira banalisado que já se não pode ver e é esta ainda a maneira mais graciosa de os vestir.

A casa e a criada

POR muito «chic» e graciosa que uma casa esteja, é necessário que a criada esteja bem vestida, para que se acentue a elegância da

dona de casa. Damos hoje um gracioso modelo de traje de criada, que é feito em «glacé» preto, touca e avental em «organdi», mas o avental tem a vantagem de poder ser bordado pela dona da casa. É um gracioso trabalho para o serão, que se faz com a maior facilidade e que dá um aspecto muito cuidado à graciosa criada. É um trabalho muito bem aproveitado, e, que dá a nota do arranjo de uma senhora, que não descarta os mais insignificantes detalhes da sua casa e daqueles, que estão debaixo da sua direcção mostrando à evidência que sabe dirigir e governar o seu lar.

A casa

HÁ muitas vezes em casa uma divisão, que não sabemos bem como arranjar. Não há disposição ou não se pode gastar muito dinheiro e no entanto desejamos ter uma salinha «bondoir». É fácil arranjar-lá sem



grandes despesas recorrendo ao «divan» ao «cretonne», a uma pequena mesa e a um bonito «abat-jour». As divisões modernas são tão pequenas, que com qualquer coisa se arranjam e tomam um aspecto confortável e atraente, que convida a estar umas horas nesse ambiente agradável, tornando o lar encantador e fazendo com que os maridos sintam menos o desejo, de ir para o «club» perder tempo em conversas inúteis, em jogos dispendiosos e tomando o mau hábito de viver longe da mulher e dos filhos, o que é sempre prejudicial para a família.

As pestanas

As longas pestanas foram sempre consideradas sinal de beleza, mas eis que aparece um médico japonês, desmancha prazeres, o qual declara, que serão talvez atributos de beleza, mas que são também sinal, de que as coisas não vão bem quanto à saúde. O doutor Tamaoki da clínica da Universidade Imperial de Kruchu, estudou em dois anos sete mil crianças, e encontrou que a maior parte daqueles que tinham pestanas compridas não gosavam de boa saúde. As pestanas das crianças atacadas de tuberculose aguda, eram duas vezes mais compridas do que as das crianças sãs. As pestanas das crianças saudáveis crescem no primeiro ano três milímetros, enquanto as das crianças escrofulosas chegam a seis milímetros. O doutor Tamaoki notou simplesmente este facto, que acha um singular fenómeno a que não pode dar explicação. Mas em todo o caso as observações do médico japonês devem ser lidas em consideração pelos seus colegas e sistematicamente verificadas para se saber o que contém de verdade e se um sinal de beleza é um sintoma de doença.

Cidade modelo

UMA das cidades em que a limpeza urbana é melhor organizada, é Viena de Áustria. As ruas nesta capital são varridas de noite. A cidade de Viena possui um pequeno exército de 1.200 varredores, camions com reservatórios de 3.000 litros de água, regam as ruas com jactos de 9 metros, e, vassouras mecânicas que fazem cada uma o serviço de sessenta operários, constituem o equipamento de Viena. Desde que foi adoptado este sistema de limpeza, a tuberculose diminuiu de vinte por cento. Por outro lado, uma lei que proíbe deitar a mais pequena coisa para a rua, é posta em vigor, de uma maneira draconiana. Por todas as contravenções, é passada uma multa, que é imediatamente recebida pelo agente de policia. De resto, os transcentes não têm a mínima desculpa, porque nas ruas estão colocados cestos, a uma certa distância, de dez em dez passos. O método de Viena é certamente muito mais eficaz do que o que consiste em escrever avisos de que é proibido deitar coisas para o chão, sem haver onde as deitar.

Um conclave

NARRA um historiador que na noite de 16 de Janeiro de 1831, os cardiais reunidos em conclave para a eleição do Papa depois da morte de Leão XII, tiveram grandes apreensões, por um forte estampido, que alguns atribuíram a um tiro de canhão e outros a uma mina. Nada de grave. Um grosso petardo tinha sido disparado, mesmo ao portão do Quirinal, sede do conclave. O inocente ruído queria ter o significado de um protesto, ainda que um pouco barulhento, contra a demora de uma eleição, que durava já há um mês e ameaçava não findar.

Petardos e sátiras, em tempos de calma pública não teriam perturbado a placidez dos cardiais, dispostos a demorar indefinidamente a eleição, como apaixonados jogadores de xadrez, mas naquele mo-



mento com um horizonte político fechado e ameaçador de temporais, até as mais inocentes manifestações, tomavam um aspecto sério. A fleuma apática do conclave foi secundada, e em 2 de Fevereiro, depois de cinquenta dias de lides eleitorais, foi eleito um frade, Mauro Capellari, que tomou o nome de Gregório XVI. Mas na Romagna, entre os súbditos do Estado Pontifício, flamejava a revolta. Ao modesto frade, que mesmo no esplendor da púrpura, não tinha esquecido a simplicidade claustral que aos enganos da politica fugia, preferindo recolher-se nos seus estudos de erudição eclesiástica, a aurora do pontificado apresentava-se muito diverso muito diversa do que o que seria para desejar para as suas fôr-

ças e para a sua índole, para éle era preciso um papado religioso sem os incomodos do poder temporal, áspero e trabalhado pelas doutrinas e pela insubordinação das provas.

Apenas eleito a insubordinação alastrava de Bolonha à Romagna às Masche, à Umbria e chegava às portas de Roma.

Molduras

NA galeria Georges Petit, de Paris, fez-se uma exposição de molduras. Setecentos exemplares entre os mais representativos dos mais variados estilos e dos diversos países, brilharam pela sua beleza, e mostraram o interesse que os artistas tiveram por esta forma de arte desde o século XV ao século XX, tanto em França como na Itália, na Inglaterra e na Alemanha. De arte francesa estiveram expostas 450 molduras, que evocam o requintado trabalho daqueles artistas. Uma moldura puramente esculpida em madeira de carvalho, do principio do século XVI fazia par com outra adornada de cupidos e leões. Uma verdadeira renda de madeira esculpida emoldurava um espelho Luiz XIII onde a técnica do artista está associada ao mais raro bom gosto. Angulos de flores trofeus de armas, atributos guerreiros, conchas, grinaldas, mesmo separadas das obras, que enfeitam, testemunham o cuidado dos artistas, que nos tempos dos reis Luiz XVI, Luiz XV e Luiz XVI consideravam a moldura como uma obra de arte por si propria. Nas secções estrangeiras agrupavam-se mais de duzentos e cinquenta exemplares, e ainda que a Alemanha e os paizes baixos, não tivessem sido representados senão por um pequeno numero de molduras, estas, substituindo a qualidade pela quantidade, mostram-nos uma página brilhante na historia das molduras. Suntuosas de riqueza as molduras originárias de Veneza, de Bolonha, de Florença e de Ferrara, que figuraram em tempos em palácios principescos, para passarem depois a vários museus. Características as molduras espanholas policromas e as multiplas variações decorativas dos artistas ingleses. Juntaram-se a esta exposição projectos de decoração desenhados por vários illustres pintores. Há entre outros um documento visado pelo conde de Vergennes, para uma moldura com as armas de Maria Antonieta. Mas a Revolução, e o trágico fim da rainha impediram que tal projeto fôsse executado. Foi uma linda exposição, em que os numerosos visitantes respiraram o ar dos séculos passados.

Pensamentos

O mundo é velho, dizem, mas eu creio que é preciso divertí-lo como uma criança.

Quando o absurdo é enorme, é fazer-lhe demorada honra, queira combatê-lo. É melhor concordar para o deitar por terra.

Temos de aceitar o destino tal como é. Para quê discuti-lo?

O coração segue facilmente o espirito.

LA FONTAINE.



O sr. dr. Artur Bernardes, no meio dos deportados políticos brasileiros que o foram cumprimentar a bordo do «Asturias»

Ecoss da revolução de S. Paulo

A bordo do «Asturias» chegou ao Tejo, no dia 17, o antigo Presidente da República Brasileira sr. dr. Artur Bernardes. Com os srs. drs. Pedro Toledo — que também se encontra em Lisboa — e Borges de Medeiros — preso na ilha do Rijo, na Guanabara, o antigo Chefe de Estado, formava o triunvirato que havia de designar o futuro Presidente da República, se a revolução, chefiada militarmente pelo general Klinger, tivesse triunfado.

Ao embarcar no Rio de Janeiro, no «Asturias», perto do cais, deram-se conflitos graves. Houve tiroteio. À saída do paquete, algumas das pessoas que tinham ido despedir-se do sr. dr. Artur Bernardes foram feridas a tiro, entre elas o filho e o cunhado do conhecido político brasileiro.

O ex-presidente declarou aos jornalistas, ao chegar ao Tejo, a propósito do texto do último decreto privando dos direitos políticos e civis, por 3 anos, os emigrados políticos residentes em Portugal:

— Soubemos dessa arbitrariedade do homem que prometeu respeitar todas as liberdades e direitos adquiridos, quando nos encontrávamos a seis dias de viagem. A resolução ditatorial do Governo Provisório é uma prova eloquente de que apesar dos emigrados se encontrarem do lado de cá do Atlântico, eles ainda dispõem da maior força eleitoral no Brasil.

Interrogado sobre a série de revoluções que nestes últimos três anos têm eclodido no Brasil, o ex-presidente declarou:

— As causas são muitas e complexas. Naturalmente, razões de ordem social que agitam os povos. Eu próprio, em 1930, tomei uma parte activa na revolta do dr. Getúlio Vargas com o dr. Washington Luís. Pode dizer-se que fui eu que decidi da vitória.

Por fim, os jornalistas perguntaram-lhe se voltava à actividade política:

— Naturalmente. Para defender o Brasil darei todo o meu sangue. Porque a luta pela Constituição é a luta pela Pátria.



Dois Presidentes da República Brasileira exilados: dr. Artur Bernardes e dr. Júlio Prestes



Os revolucionários paulistanos que chegaram a Lisboa, no dia 20, a bordo do «Raul Soares». Entre eles contam-se 21 oficiais do exército

Grande Hotel Flora

ROMA

VIA VITORIO VENETO
junto á Vila Borghese e Pincio,
no centro da cidade



Todo o conforto moderno

Primeira ordem

PREÇOS MODICOS

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por CÉSAR DE FRIAS

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época
presente, em que a febre de enri-
quecer se faz sentir mais do que
nunca

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O MELHOR PRESENTE

Para o seu médico

Para o seu professor

Para o seu estudante

Para o seu advogado

Para o seu padrinho

Para o seu afilhado

O melhor para tôda a gente

História de Portugal, por Alexandre Hercu-
lano, 8 volumes.

Brochados	96\$00
Encadernados em percalina	128\$00
Encadernados em carneira	216\$00

História da Literatura Portuguesa, or-
ganizada por Albino Forjaz de Sampaio, 5 volumes.

Brochados	360\$00
Encadernados em percalina	510\$00
Encadernados em carneira	570\$00

As Pupilas do Senhor Reitor, romance de
Júlio Denis, com 30 aguarelas a côres e 167 dese-
nhos de Roque Gameiro. 1 volume in-4.º com 436
págs., impresso em magnífico papel «couché»:

Em brochura	120\$00
Encadernado em percalina	150\$00

Tojos e Rosmaninhos. Obra postuma de Al-
fredo Keil. Um magnífico volume de 150 págs., im-
presso em bom papel «couché» e ornado de 38
belas gravuras, 18 fototipias, além do retrato do
autor e um prefácio de D. João da Câmara.

Encadernado em percalina	75\$00
------------------------------------	--------

**Novo Dicionário da Língua Portu-
guesa**, por Candido de Figueiredo. 2 grossos
volumes encadernados em carneira com 2.250 págs.
250\$00. É esta, incontestavelmente, a obra mais
completa e autorisada no genero. Ortografia antiga
e moderna.

História das Toiradas, por Eduardo de Noro-
nha. 1 volume de 396 págs., formato album, com
26 magníficas estampas a côres:

Encad. em perc. com ferros especiais	50\$00
--	--------

História de Gil Braz de Santilhana, por
Lesage. Grande edição popular ilustrada com cerca
de 400 gravuras intercaladas no texto, e 30 estam-
pas a côres em separado. 1 volume in-8.º grande
com 714 páginas:

Brochado	30\$00
--------------------	--------

Pedidos à Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Ecanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fôrmas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por João Emilio dos Santos Segurado.

1 volume de 632 pág., com 351 grav., encadernado em percalina..... **25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	15\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc. . . .	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. . . .	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição de

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 356 páginas | brochado 12\$00
| encadernado 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 pags., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por **THEODORE PLIVIER**

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. A batalha da Jutlandia e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espírito

POR
G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

C A R T A S

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR
ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda em todas
as boas livrarias

A 7.^a EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas | brochado 12\$00
| encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DICIONÁRIO
DO
Football Associação**

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . . 12\$00

Encadernado 16\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

**NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00**P. B.**VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seducções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

À venda a nova edição

A CATEDRALPOR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notáveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

**SE QUERES VIVER,
DESPERTA E LUTA!**

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

POR

ELICK MORN

1 VOLUME DE 268 PAGINAS, BROCHADO, **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

*Aos condutores de automóveis recomenda-se
êste manual como imprescindível para
a sua educação profissional,
pois contém a*

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

*Seguidos das tabelas de M. Exupère
para a*

Conversão de quilates em milésimos
por
MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 9.ª edição
 DE
Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesouro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MAXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em tôdas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se esgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na **BÍBLIA DA VIDA**, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se nela o conselho de Thomeureau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com êste livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
 ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira (1 vol)
Alexandre Herculano (1 vol)
Antero de Figueiredo (1 vol)
Augusto Gil (1 vol)
Camões lírico (4 vols)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols)
Frel Luís de Sousa (1 vol)
Guerra Junqueiro (1 vol)
João de Barros (1 vol)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol)

Estes volumes são do formato de 12x19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
 Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA



Nada ha melhor do que a OVOMALTINE

Muitas razões existem para afirmar que a "Ovomaltine" deve ser adoptada em todos os lares, para dar e manter a saude e vitalidade.

A OVOMALTINE é a bebida alimenticia mais económica que se póde adquirir. E' feita por um processo altamente científico, que com o decorrer dos anos se tem aperfeiçoado cada vez mais. Os seus componentes, cevada, leite e ovos frescos, das melhores produções suissas, tornam este

alimento o recomendado para manter uma aptidão mental e física perfeitamente equilibrada.

Tomando todos os dias ao pequeno almoço uma chavena da deliciosa OVO-MALTINE, conseguirá triunfar contra todos os ataques á sua saude.

OVOMALTINE
é a saude

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS MERCEARIAS, EM LATAS DE 110, 250 e 500 GRs. RESPECTIVAMENTE AOS PREÇOS DE 8\$50, 16\$00 E 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41, 2.º

LISBOA